

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Curso de Mestrado em Serviço Social

**A COERÊNCIA ENTRE CONHECIMENTOS, OBJETIVOS
E MÉTODOS NA PRÁTICA DO ASSISTENTE SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Cur
so de Mestrado em Serviço Social pela alu
na ANA CRISTINA VIEIRA DOS SANTOS, como re
quisito à obtenção do Grau de Mestre em
Serviço Social, orientada pela Professora
Maria da Glória Andrade de Almeida.

A COERÊNCIA ENTRE CONHECIMENTOS, OBJETIVOS E MÉTODOS NA
PRÁTICA DO ASSISTENTE SOCIAL

Ana Cristina Vieira dos Santos

Dissertação que apresenta para apreciação e parecer da Banca Examinadora:

ORIENTADOR:

MEMBROS DA

COMISSÃO:

Agradeço,

a Anita, que me colocou em um novo camí
nho.

A Glorinha e Walteir, que com sabedoria e
carinho, me orientaram neste trabalho.

As colegas assistentes sociais, que fala
ram sobre sua prática e se mostraram como
são.

A Ivete, minha mãe, que cuidou de Guilher
me e Clarissa, para que eu pudesse traba
lhar mais tranquilamente.

Aos amigos que se mantiveram próximos,
dando seu apoio.

S U M Á R I O

RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO.....	9
1 - <u>PROCESSO HISTÓRICO DO SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL -</u> <u>COMO SE DESENVOLVERAM A TEORIA E A PRÁTICA E SOB</u> <u>QUE INFLUÊNCIAS</u>	14
1.1 - ORIGEM E EXPANSÃO.....	15
1.2 - O QUESTIONAMENTO DO SERVIÇO SOCIAL.....	20
2 - <u>A RELAÇÃO ENTRE CONHECIMENTOS, OBJETIVOS E MÉTODOS</u>	28
2.1 - TEORIA E PRÁXIS.....	29
2.2 - CONHECIMENTOS, OBJETIVOS E MÉTODOS - SUAS RE- LAÇÕES.....	35
3 - <u>UMA PESQUISA SOBRE A PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL</u>	39
3.1 - QUESTÕES BÁSICAS A SEREM INVESTIGADAS.....	40
3.2 - PROCEDIMENTO ADOTADO.....	42
3.3 - O QUADRO DE ANÁLISE.....	45
3.4 - SUJEITOS DA PESQUISA.....	49

4 - <u>A COERÊNCIA ENTRE CONHECIMENTOS, OBJETIVOS E MÉTO-</u> <u>DOS NA PRÁTICA PROFISSIONAL</u>	52
4.1 - DE TRADIÇÃO.....	54
4.1.1 - <u>O Não Reconhecimento da sua Perspectiva Teóri-</u> <u>ca de Serviço Social</u>	54
4.1.2 - <u>Pressupostos que Fundamentam a Ação</u>	57
4.1.3 - <u>Concepção de Serviço Social</u>	67
4.1.4 - <u>Objetivos do Serviço Social</u>	73
4.1.5 - <u>Procedimentos Metodológico</u>	76
4.2 - DE PRÁXIS, OU NO SEU CAMINHO.....	85
4.2.1 - <u>O Reconhecimento da Perspectiva Teórica que</u> <u>Orienta a Prática</u>	85
4.2.2 - <u>Pressupostos que Fundamentam a Ação</u>	88
4.2.3 - <u>Concepção de Serviço Social</u>	95
4.2.4 - <u>Objetivos do Serviço Social</u>	98
4.2.5 - <u>Procedimento Metodológico</u>	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
NOTAS BIBLIOGRÁFICAS.....	119
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	123

P. 12

RESUMO

RESUMO

Este trabalho procura apresentar e analisar a prática profissional de Serviço Social, especificamente a de um grupo de assistentes sociais que vem se mostrando preocupado com sua ação e, vem procurando, através de estudos sistemáticos, orientá-la na direção dos reais interesses de sua "clientela".

Esta prática é analisada a partir das relações que se estabelecem entre os conhecimentos que fundamentam a ação, os objetivos que a orientam e a metodologia usada para que eles sejam atingidos.

A análise revela que os profissionais não se encontram nas mesmas condições, nem referenciados aos mesmos conhecimentos, mas coerentes dentro de suas posições. Podem ser divididos em dois grupos: o primeiro, critica a prática tradicional de Serviço Social, sem conseguir supe

rã-la e sem reconhecer que permanece circunscrito a seus limites. O segundo grupo, tenta uma superação da prática tradicional, mas escapa também ao discurso reconceituado, no que ele tem de extremista, realizando ações que se pretendem inscrever numa posição não conformista, através principalmente do questionamento da ordem institucional e do real privilegiamento da "clientela" do Serviço Social.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Este trabalho contém um estudo sobre a unidade entre pensamento e a ação, sobre a relação entre conhecimentos, objetivos e métodos, na prática do Serviço Social.

Nosso interesse em relação a esta questão foi despertado através da observação e análise de práticas desenvolvidas por assistentes sociais que pareciam, à primeira vista, realizar-se sem apoio teórico, sem que estivesse claro para os profissionais, que objetivos a guiavam. A falta de fundamentação teórica e a inconsistência dos objetivos, surgiam assim, como explicação para uma prática burocrática, meramente administrativa, composta de tarefas aparentemente desconexas, geralmente de caráter assistencialista¹⁴.

Isto nos levou a estudar os elementos teóricos que estão presentes na prática e que respondem por sua unidade com o pensamento que a orienta. E desta forma, foi se afirmando a idéia de que as ações desenvolvidas por um profissional, sempre expressam objetivos que são propostos a partir de uma compreensão da realidade, que se torna possível através do conhecimento teórico.

Assim, não podemos entender que uma prática profissional possa ocorrer desprovida da orientação emana da dos objetivos, e da fundamentação teórica que permite não só a compreensão da realidade-objeto de intervenção, mas também a delimitação dos objetivos.

A partir destas reflexões, pensamos em estudar a prática profissional, procurando identificar a relação entre os conhecimentos que lhe servem de base, os objetivos de ação, os métodos e as estratégias usadas para concretizá-los. A análise da prática, para nós se fazia fundamental, posto que a discussão de experiências profissionais não vem sendo feita com a sistematização e regularidade necessária, para que possa reverter em produção teórica própria ao Serviço Social.

Nesse momento, nos defrontamos com uma dificuldade - a de escolher as práticas que seriam objeto de nossa análise. Optamos então por enfocar as práticas de desenvolvidas por assistentes sociais que vêm buscando, através do aprofundamento teórico, do estudo sistemático, enriquecer sua ação e dar-lhe novo sentido. Nossa opção obede

ceu à suposição de que estes profissionais constituíam um grupo estratégico, que nos permitiria identificar as novas formas de ação que vêm sendo desenvolvidas no sentido de implementar um Serviço Social reconceituado. Além disso, poderíamos compreender estas ações à medida em que desta cássemos a relação entre elas, os conhecimentos e objetivos que as orientavam.

Algumas surpresas ocorreram no desenvolvimento de nosso trabalho e o enriqueceram imensamente, permitindo-nos dar alguns passos na direção da compreensão das práticas analisadas. Isto porque encontramos práticas que vêm sendo desenvolvidas dentro e a partir de propostas reconceituadas, mas encontramos também, práticas que se mantêm circunscritas ao Serviço Social tradicional, apesar dos esforços dos profissionais em ultrapassá-lo.

O trabalho está constituído de cinco partes. A primeira contém o processo histórico do Serviço Social no Brasil, enfocando o desenvolvimento da teoria e da prática e sob que influências ele ocorreu. A segunda parte contém formulações teóricas sobre a relação entre conhecimentos, objetivos e métodos na ação profissional. Na terceira parte, apresentamos o procedimento metodológico adotado para a realização da pesquisa sobre a prática do Serviço Social. A última parte do trabalho, contém a análise das práticas de Serviço Social, objeto deste estudo. Finalmente, tecemos algumas considerações finais que expressam nossa compreensão sobre o tema.

Esperamos com este texto, contribuir para a reflexão sobre a prática do Serviço Social, o que poderá resultar em novas indicações para o exercício profissional.

1 - PROCESSO HISTÓRICO DO SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL
- COMO SE DESENVOLVERAM A TEORIA E A PRÁTICA
E SOB QUE INFLUÊNCIAS

1 - PROCESSO HISTÓRICO DO SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL - COMO SE DESENVOLVERAM A TEORIA E A PRÁTICA E SOB QUE INFLUÊNCIAS

1.1 - ORIGEM E EXPANSÃO

A introdução do Serviço Social no Brasil, ocorreu na década de 30, com a instalação das primeiras escolas de Serviço Social, em São Paulo (1936) e no Rio (1937), por inspiração da Igreja e seus organismos, como a Ação Católica e a Ação Social. Seu surgimento em nosso país e seu desenvolvimento não ocorreram como um fenômeno isolado, mas "relaciona-se diretamente às profundas transformações econômicas e sociais pelas quais a sociedade brasileira é atravessada, e à ação dos grupos, classes e instituições que interagem com essas transformações"⁷.

Antes de sua introdução, senhoras e moças da sociedade, orientadas por sua generosidade e espírito cristão, desempenhavam atividades beneficentes, de cunho filantrópico, voltadas para os setores populares, pobres, no sentido de minorar suas condições de pobreza, assim como

de influir em sua formação moral e religiosa.

Paralelamente à necessidade, sentida pelos grupos de ação social católica, de intervir tecnicamente em relação aos problemas vivenciados pelos pobres e pelas camadas operárias, surgiu a demanda de determinadas instituições estatais, por este tipo de intervenção. O Estado procurava gerir a assistência social, trazendo para sua alçada, o que até então estava sob o controle da Igreja.

No decorrer da década de 40, se tornou maior a demanda por profissionais de Serviço Social, que atendessem às crescentes parcelas de pobres e operários, geradas pelo processo acelerado de industrialização e pela ampliação da urbanização. A formação dos assistentes sociais, até essa época, sofria a influência européia, na presença de representantes do Serviço Social francês e belga. Houve, nesta década, a expansão do número de escolas de Serviço Social - foram criadas escolas em Pernambuco (1940), Paraná (1944), Rio Grande do Sul (1945), Rio Grande do Norte (1945). Em sua maioria, as novas escolas sofreram a influência de São Paulo e Rio de Janeiro, de caráter católico.

As atividades desenvolvidas pelas assistentes sociais, até então, eram bastante restritas e "os relatos existentes sobre as tarefas desenvolvidas pelos primeiros assistentes sociais demonstravam uma atuação doutrinária e eminentemente assistencial"⁵. Envolviam um atendimento individualizado, processando-se através de encaminhamentos, colocação em emprego, regularização da situação le

gal da família; envolviam também, cursos de formação profissional e a atuação junto a serviços médicos e jurídicos. O trabalho tinha um cunho eminentemente prático, não havendo maiores preocupações com uma fundamentação teórica sobre a profissão.

Durante a década de 40, entretanto, "o Serviço Social brasileiro, ao descobrir o Serviço Social norte-americano, possuidor de uma metodologia trabalhada, sistemizada, procurou dela apropriar-se, buscando assim melhor equipar-se para a ação, tendo sempre presente a necessidade, embora nem sempre devidamente atendida, de uma adaptação à realidade brasileira"^{7:4}. Foram assim introduzidos, nos currículos dos cursos de Serviço Social, os métodos de Serviço Social de caso individual, de serviço social de grupo e organização de comunidade (posteriormente transformado em desenvolvimento de comunidade). A profissão assumiu uma "preocupação pragmatista, alimentada pela metodologia trazida dos Estados Unidos, em razão de considerável intercâmbio (bolsas de estudo e literatura) vivenciado com aquele País, como resposta a uma quase ausência de métodos e técnicas na concepção européia do Serviço Social, que então predominava"^{7:4}.

Por essa época, foram criadas as grandes instituições nacionais de assistência social - a Legião Brasileira de Assistência - LBA (1942), o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI (1942), o Serviço Social do Comércio - SESC, o Serviço Social da Indústria - SESI,

o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, to dos estes em 1945, passando a operar programas com a participação de assistentes sociais. As bases de atuação do Serviço Social, estavam centradas nos casos individuais, nos lazeres educativos, envolvendo principalmente auxílios financeiros, encaminhamentos para serviços médicos, internação de crianças, regularização de documentos. Os lazeres educativos se inseriam numa preocupação preventiva: de contribuir para que os jovens tivessem melhor formação moral e social, integrando-se à sociedade.

Os modelos teórico-metodológicos de Serviço Social importados dos Estados Unidos, não conseguiram, entretanto, pela sua inadequação às nossas condições específicas, ser adotados e realizados plenamente. "Apesar de reconhecerem que sô às custas de inenarráveis dificuldades seria possível fazer Serviço Social de Casos entre nós"^{5:216}, os profissionais não conseguiam estabelecer novas propostas de ação que expressassem uma configuração do Serviço Social em nossa realidade.

As concepções positivistas se faziam notar grandemente nas colocações teóricas do Serviço Social, pela acentuação da tendência à neutralidade da profissão frente aos problemas sócio-estruturais, pela preocupação excessiva (quase exclusiva) com as formas da ação. Em resposta à pretendida neutralidade da profissão, se desenvolveu uma ênfase psicologista no Serviço Social de Casos, através da qual se buscava no indivíduo, as causas para seu desajustada

mento à sociedade, expresso em sua pobreza crescente e "marginalização" social.

Assim, o Serviço Social seguia enfatizando teoricamente a questão metodológica e a instrumentalização do profissional, enquanto na prática, a expansão dos serviços sociais e do número de pessoas por eles atendidas, levava a uma burocratização e rotinização das ações dos profissionais, que muitas vezes se restringiam a aspectos tais como preenchimento de fichas de identificação, estatísticas, de atendimento, etc.

A partir da segunda metade da década de 50, influenciado pelos planos desenvolvimentistas vigentes no País após a II Guerra Mundial, o Serviço Social incorporou a filosofia do desenvolvimento e "reconheceu a necessidade de uma revisão de sua teoria, de sua postura e de seus métodos como condição de melhor integrar-se nesse processo"^{7:5}. Assim, pretendia assegurar sua adesão a "uma estratégia nacional, regional e local de incremento planejado de bens e serviços para melhoria dos níveis de vida"^{7:6}. Na prática, do ponto de vista metodológico, expandiu-se o desenvolvimento de comunidade, procurando a integração das populações ao desenvolvimento nacional. A ideologia desenvolvimentista, à qual o Serviço Social se vinculou, foi sendo desmistificada posteriormente, o que provocou nas áreas comprometidas com o social, a busca de novas alternativas.

1.2 - O QUESTIONAMENTO DO SERVIÇO SOCIAL

Na década de 60, na América Latina de modo geral, alguns fatores levaram a uma certa ebulição social: o questionamento da dependência político-econômica em relação aos países mais desenvolvidos, as expectativas geradas pelo êxito de movimentos revolucionários como o cubano, a mudança do eixo de dominação, que passou das oligarquias latifundiárias para uma burguesia industrial^{13:19}. O continente passava por uma crise e para explicá-la foram difundidas as concepções do "marxismo-humanismo sobre setores crescentes que tradicionalmente se haviam fechado, por princípios, ao materialismo histórico e dialético e que comecem a considerá-lo como ferramenta adequada para a análise dessa mudança"^{13:22}.

No interior desse quadro de inquietação e mudança, onde tudo favorecia a crítica ao que vinha do passado, se compreendia que o chamado Serviço Social tradicional (apoiado nos métodos de caso social individual, grupo e desenvolvimento de comunidade), se considerasse insatisfatório.

Vários profissionais, em diversos pontos do continente (principalmente Brasil, Argentina, Chile e Colômbia), questionavam o Serviço Social enquanto "teoria e metodologia que já não respondiam às exigências de uma nova realidade ou de uma realidade melhor sentida, conhecida e compreendida à luz de novas teorias"^{7:11}. O Serviço So

cial que, por várias décadas, havia operado funcionalmente ao sistema dominante, amortecendo os conflitos sociais, sem que no entanto seus profissionais percebessem isto, a partir de 65 sofre um abalo, ao se dar conta do caráter ideológico de sua ação. Iniciou-se assim o movimento de reconceituação que, à princípio foi assumido por profissionais individualmente, como EZEQUIEL ANDER-EGG, HERMAN KRUSE, VIRGÍNIA PARAÍSO. Posteriormente, entretanto, o movimento passou a apoiar-se em grupos e a desenvolver-se nas escolas.

Nas análises feitas sobre a reconceituação, há unanimidade no que se refere à diversidade de tendências existentes no movimento. Este não se caracteriza por uma tendência unitária, homogênea, mas assume diferentes direções, em diversos pontos do continente, seguindo a evolução de cada país onde se instalou. De modo genérico, podemos no entanto, situar que suas diferentes tendências têm em comum a crítica à situação sócio-econômica da América Latina e a crítica ao Serviço Social que servia à manutenção desta situação de dependência e pobreza.

Segundo KRUSE⁹, alguns profissionais, em resposta à necessidade por eles sentida de imprimir novo rumo à profissão, trilham o caminho da modernização da profissão, optando por: a) uma revisão dos métodos tradicionais (caso, grupo e comunidade); b) uma integração desses métodos; c) busca de um método básico. Estes profissionais entretanto, não colocam em questão os fundamentos e objeti

vos da profissão, mas seus métodos e técnicas. Parecem crer que, os métodos até então usados pelos assistentes sociais, não levaram à eficiência de ação, por não estarem devidamente elaborados.

Outros profissionais buscam, por outro lado, uma nova construção teórica, sistemática, para o Serviço Social, que se fundamenta na análise das contradições da realidade. Utilizando-se de outra perspectiva teórica para compreender a realidade, estes profissionais perceberam o caráter político-ideológico de sua prática, a sua inserção no processo de reprodução das relações sociais de produção. "A descoberta do ideológico, que ocorreu no Serviço Social, permitiu a localização de uma base para se compreender a reestruturação da profissão, em função da formação social na qual se encontra"^{12:76}. Os assistentes sociais deram-se conta que, "no desempenho de sua função intelectual, o assistente social, dependendo de sua opção política, pode configurar-se como mediador dos interesses do capital ou do trabalho, ambos presentes, em confronto, nas condições em que se efetiva a prática profissional... Pode orientar sua atuação reforçando a legitimação da situação vigente ou reforçando um projeto político alternativo, apoiando e assessorando a organização dos trabalhadores, colocando-se a serviço de suas propostas e objetivos"^{5:96}.

Na verdade, esta nova forma de conceber o Serviço Social tem sido amplamente discutida a nível teórico, através de textos de Serviço Social e em algumas uni

versidades. Na prática porém, têm sido poucas as oportunidades para sua concretização e menores ainda as chances de sua discussão. Analisando as limitações que vêm "freando" a reconceituação, DIEGO PALMA^{13:39} situa em primeiro lugar, o fato da reconceituação ter sido gerada e se desenvolvido basicamente nas universidades, sendo que as práticas em que se tentou trabalhar dialeticamente, ocorreram como experiências de laboratório. Grande parte dos profissionais, não acreditava ser possível desenvolver uma proposta reconceituada de Serviço Social a nível das instituições públicas/privadas. Hoje, esta suposição vem sendo superada, e cada vez mais se acredita que o âmbito institucional deve ser trabalhado.

Outro fator considerado por PALMA, é que como a reconceituação nasceu negando a profissão, houve uma repulsa indiscriminada às técnicas do Serviço Social tradicional, sem que os profissionais tivessem desenvolvido outras formas de ação para substituí-las. Seria necessário então, analisar e difundir como e em que medida se pode utilizar essas técnicas, incluídas nos projetos políticos distintos dos que as originaram.

Uma outra limitação à reconceituação, refere-se à posição extremista, assumida por alguns assistentes sociais, que confundiram a prática profissional com a prática político-partidária. "não raro as posições se radicalizam quanto ao papel do trabalho social e dos seus profissionais, numa linha de caracterizar suas atividades,

dogmaticamente como militância política, e política segundo determinado modelo"^{7:22}.

Devido às limitações enunciadas, apesar de teoricamente as discussões sobre o Serviço Social estarem avançando, o quadro que nos é apresentado pela prática, mostra que a reconceituação está longe de influenciar significativamente esta prática. Algumas pesquisas desenvolvidas recentemente apresentam isto, como a Pesquisa Nordeste* sobre Funções Sócio-Institucionais do Serviço Social, realizada sob o patrocínio da Associação Brasileira de Ensino de Serviço Social - ABESS, na Região Nordeste, desde 1978, e a Pesquisa Análise da Prática Profissional nas Instituições Campos de Estágio, desenvolvida pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, relatada em 1982 ¹⁴.

A Pesquisa Nordeste apresenta o assistente social como um agente institucionalizador, na medida em que facilita o acesso do cliente às instituições ou reforça a ação institucional. Os objetivos da prática profissional apresentam-se distantes da realidade, num sentido idealista, ou então nem são propostos pelo assistente social, que toma para si os objetivos da organização onde trabalha.

* A PESQUISA NORDESTE ainda não teve o relatório final publicado, mas tivemos acesso a relatórios preliminares.

No que se refere às atividades do assistente social, quando o cliente procura o profissional, ele pode ter um "pronto-atendimento", em que seu problema é resolvido ou encaminhado pelo assistente social, através de uma única entrevista, ou da participação em uma reunião em conjunto com pessoas com problemas semelhantes. Pode ainda merecer um atendimento continuado, através de uma abordagem individual ou grupal, segundo as características da problemática apresentada e guiando-se pela racionalização dos meios. Este trabalho continuado, quando individualizado, segue uma orientação psicológica, na tentativa de mudar o comportamento do cliente.

Quando o assistente social vai à população, não esperando que os clientes se apresentem, ele o faz por ter identificado algum problema extensivo, percebido ou não pela população, e o faz para que as pessoas sejam mobilizadas no sentido de resolverem o problema, através de seus próprios recursos, sempre que possível.

De qualquer modo, sua intervenção limita-se aos efeitos apresentados por uma problemática que sempre se localiza, originalmente na clientela.

A Pesquisa da PUC sobre a prática, conclui que a abordagem dos assistentes sociais junto à população é predominantemente individual, em caráter de plantão, para atendimento de problemas imediatos. "Apresentam-se com pequena significância numérica as abordagens em grupo, às vezes justificadas como mais rentáveis para a instituição,

ou de caráter obrigatório, com o auxílio material condicionado à presença às reuniões"^{14:59}.

O profissional realiza uma ação da qual está ausente a crítica e que se caracteriza por ser "assistemática, descontínua e desprovida de referencial teórico"^{14:81}.

O relatório da pesquisa expressa claramente, através de vários exemplos, que a reconceituação não atingiu o dia-a-dia da maioria dos assistentes sociais. "A leitura e análise do cotidiano do assistente social pode assim demonstrar que a prática profissional está muito precariamente referida à proposta do Serviço Social tradicional e evidentemente distanciada e não preocupada com a reconceituação"^{14:61}. O assistente social revela-se um profissional com dificuldade de analisar e compreender a realidade social, mostrando-se inseguro frente à complexidade da realidade.

"Evidenciou-se na análise o perfil de um profissional ... que não "pensa" em sua prática, bem intencionada quase sempre, ingênua às vezes, mas comprometido consciente ou inconscientemente com a retórica institucional"^{14:82}.

Este quadro atual da prática, tão distante do que teoricamente se postula como os novos rumos da profissão, mostra-nos o que a maioria dos profissionais de Serviço Social, comumente fazem.

Isto não significa, entretanto, que todos fa

zem exatamente isso. Afinal, as formulações teóricas mais avançadas, não se sustentam sem o respaldo da prática. Há profissionais que vêm tentando uma ação orientada pelos novos moldes do Serviço Social. Suas práticas, entretanto, não têm sido objeto de um estudo sistemático, no sentido de que possam realmente contribuir para a construção da teoria em Serviço Social.

Acreditamos que, atualmente, se faz necessário debruçar sobre estas práticas, consideradas, supostas ou potencialmente inovadoras. Práticas que apresentem uma relação de coerência e unidade entre seus elementos componentes - conhecimento, objetivo e método.

"Qualquer renovação a que o Serviço Social se proponha acaba por exigir dele que determine uma linha de orientação conceitual, metodológica e ideológica, tendo em vista a unidade de sua ação"^{18:56}.

Após estas considerações sobre o desenvolvimento teórico e prático do Serviço Social, torna-se necessário delimitar a relação que deve existir entre os conhecimentos em que uma prática se baseia, seus objetivos e os métodos utilizados, determinando como o procedimento metodológico contém os objetivos e o projeto epistemológico da profissão, e como os objetivos são determinados pela teoria que explica nosso objeto de ação e pela opção ideológica do profissional.

Vejamos então, a questão da relação entre conhecimento, objetivo e método e como a ideologia a permeia.

2 - A RELAÇÃO ENTRE CONHECIMENTOS, OBJETIVOS E MÉTODOS

2 - A RELAÇÃO ENTRE CONHECIMENTOS, OBJETIVOS E MÉTODOS

2.1 - TEORIA E PRÁXIS

No seu dia a dia, todo homem desenvolve ações. Nelas, expressa a sua atitude em face da realidade, atitude esta que é construída ao longo de seu processo de socialização e sofre a influência de sua condição de ser social e histórico.

Em suas ações, e na consciência que tem delas, o homem exprime os condicionamentos a que é submetido, para que se integre a uma perspectiva de mundo, defendida e reproduzida pela sociedade em que ele vive, e na qual vigoram princípios teóricos e ideológicos.

A realidade é apreendida pelo homem, segundo princípios e valores que lhes são inculcados, durante sua vida e que, nem sempre são por ele reconhecidos. Assim, a sua integração a uma perspectiva de mundo, nem sempre é feita refletidamente. O que se verifica é que, "o indivíduo pode estar inconscientemente integrado a uma de

terminada perspectiva, desde que lhe tenha faltado o momento capital da ligação consciente entre a consciência e seu objeto"^{21:10}.

Quando o homem age "integrado" dessa forma a uma perspectiva de mundo, comandada por seus condicionantes sociais e históricos, tende a reproduzir o que for considerado desejável dentro desta perspectiva, tende a reproduzir as relações sociais que a mantêm.

Este homem, assim envolvido em seu cotidiano, é incapaz, sozinho, de ultrapassar o limite das ações prático-utilitárias e de perceber as implicações reais e as consequências de sua atividade prática. Isto não significa, entretanto, que não seja possível ascender a um plano reflexivo, que lhe permita passar da condição de mero reprodutor de ações, das quais desconhece o sentido, para a condição de pessoa capaz de realizar novas ações que imprimam novos rumos à realidade.

O homem pode ultrapassar e superar essa ação da qual tem uma consciência que lhe foi imposta, e pode exercer uma ação nova, voltada a outros objetivos. Para isso, é preciso haver a negação da sua ação e da consciência sobre ela, utilizando-se dos recursos teóricos disponíveis e empreendendo uma reflexão sobre sua prática.

Estariamos defendendo a possibilidade de um saber isento de componentes ideológicos? "Existe um ponto de vista sobre a ação que seja capaz de escapar à condição ideológica do conhecimento engajado na práxis?"^{15:65}. Cre

mos que não. A ação, fundamentando-se num conhecimento da realidade, envolve também uma ideologia da ação. A ideologia está presente em todas as atividades humanas, em todas as relações estabelecidas entre os homens. "Como tal, é uma representação das condições da prática, da experiência vivida pelos homens na sociedade"^{18:28}. A ideologia é uma, entre outras formas, de apreender a realidade e de justificá-la. Outra forma seria o conhecimento científico, que se caracteriza por um processo de produção teórica sobre um objeto.

Ou seja, a ideologia e a ciência são discursos de naturezas diferentes e que atendem a objetivos também distintos. A ideologia expressa a imagem que os indivíduos têm em comum sobre sua sociedade ou sobre o grupo ao qual pertencem. "É um meio através do qual tentamos apreender e compreender o mundo"^{11:20}. Toda ideologia está orientada para a ação: "molda crenças que põem o povo em ação"^{11:21}, e, que são versões altamente simplificadas e superficiais, não estando em suas pretensões, explicar os fenômenos dos quais fala.

A ciência, ao contrário, se propõe a um trabalho profundo, de explicação da realidade. "Uma prática científica envolve um conjunto de processos determinados de produção de conhecimentos, unificados por um domínio conceitual comum, organizados e regulados por um sistema de normas e inscritos num conjunto de aparatos institucionais"^{6:34}.

É muito discutida a relação entre a ciência e ideologia, mas como a entendemos, é impossível isolar o componente ideológico, do conhecimento científico. Nem se pode pensar numa prática científica isenta de ideologia, principalmente no âmbito das ciências humanas, nem se pode encarar a presença do elemento ideológico, como um obstáculo à prática científica. No âmbito da relação entre ciência e ideologia, "não se trata de eliminar o conteúdo ideológico para convertê-lo em ciência, mas ao invés, articulá-lo a determinadas condições materiais de produção de conhecimentos objetivos"^{16:23}. Isto significa que, na prática científica, como em qualquer atividade humana, sempre se farão presentes elementos ideológicos, indicadores da visão de mundo dos que a realizam. Mas é preciso também que, isto não leve à distorção de se pensar que o discurso e a prática ideológica sejam suficientes para a construção de uma prática científica^{16:18}.

Mesmo considerando que, em toda intervenção na realidade, a ideologia está presente, verificamos que nem sempre o homem tem consciência de sua presença. Mas somente se ela se tornar consciente para o homem, ele poderá verificar até que ponto ela influencia sua ação e os conhecimentos e objetivos em que esta ação se apoia.

O homem só pode ultrapassar uma ação da qual tem uma consciência que lhe foi "imposta", se analisá-la criticamente, teoricamente orientado, de forma a identificar as influências ideológicas que a condicionam, suas fi

nalidades, seus preconceitos, seus hábitos, etc. A reflexão sobre a sua prática, feita com o apoio teórico, é o passo inicial para uma ação consciente, criadora, que se pretenda transformadora da realidade.

"Se o homem vivesse em plena harmonia com a realidade ou absolutamente conciliado com seu presente, não sentiria a necessidade de negá-los idealmente nem de configurar uma realidade ainda inexistente"^{21:189}. Mas, em certos momentos, o homem se dá conta que a realidade e xistente não o satisfaz, e que ele é responsável pela mu dança desta realidade, o que significa que ele é responsá vel pela mudança do conjunto de relações de que faz parte. Uma ação no sentido dessa mudança não pode ser espontânea e/ou imitativa, mas deve-se pautar por um caráter reflexivo e criador.

Assim, as finalidades a que suas ações se propõem, devem expressar não uma "compreensão imposta" da realidade, mas ser o produto de uma reflexão por ele empreendida, através do conhecimento da realidade e da sua negação, e do estabelecimento de um projeto de realidade que expresse as relações sociais por ele desejadas. Dessa forma, o conhecimento estará se colocando em relação com a prática, servindo a ela através da mediação das finalidades, que trazem em si uma exigência de realização que pressupõe uma atividade cognoscitiva.

Para que o homem tenha uma ação reflexiva e crítica, de construção de novas relações sociais, é preci

so que haja uma relação de unidade entre a teoria e sua prática. É preciso que ele compreenda que, "o ser da teoria, para ser, depende em seu ser do ser da práxis, e o ser da práxis, para ser, depende em seu ser da teoria. Cabe mesmo afirmar que todo o problema do ser da teoria e da práxis adensa-se na palavra relação"^{1:322}.

Teoria e práxis têm assim, cada qual, algo de seu, de próprio, mas que só tem sentido na relação que estabelecem entre si. Cabe à teoria orientar a ação e permitir que o homem a compreenda, e cabe à prática servir de fundamento à teoria, ser a sua fonte, mas também ser a sua finalidade, e seu critério de verdade.

"Não há práxis como atividade puramente material, sem a produção de finalidades e conhecimentos que caracterizam a atividade teórica"^{21:208}. Esta, por sua vez, quando não se concretiza, quando não se transforma em ação real, não conta no âmbito da práxis.

Coloca-se assim, para nós a questão da relação entre conhecimentos, objetivos e método. Para que o homem desenvolva uma práxis, ou seja, uma ação real, material que produza mudanças na realidade, é preciso que se proponha objetivos, que neguem uma realidade a qual ele conhece e que encontre os meios e instrumentos para transformá-la, assim como saiba as condições que abrem ou fecham as possibilidades dessa realização.

2.2 - CONHECIMENTOS, OBJETIVOS E MÉTODOS - SUAS RELAÇÕES

"Toda ação verdadeiramente humana requer certa consciência de uma finalidade"^{21:189}. A relação entre pensamento e ação requer a mediação das finalidades a que o indivíduo se propõe. A finalidade, entendida aqui como a antecipação do resultado que se pretende obter, expressa a atitude do homem em face da realidade. Ao propor-se um resultado ideal, que espera obter, o homem nega uma realidade efetiva, enquanto afirma uma outra, ainda inexistente concretamente. A produção de finalidades ou objetivos, é uma atividade de consciência, cuja determinação (e realização) pressupõe que o indivíduo tenha um determinado conhecimento da realidade, o qual se dá através de uma perspectiva teórica. A realidade em si, não contém sua explicação, ou seja, ela não fala por si. É preciso que o homem leia nos fatos, o seu significado. E esta leitura é propiciada por uma teoria. O homem utiliza conhecimentos teóricos para compreender a realidade, desvendando-a em seus problemas.

Nesse sentido, a delimitação de objetivos não pode prescindir do conhecimento teórico, que permitirá ao homem conhecer a realidade, negá-la e prefigurar idealmente o projeto de realidade que supõe desejável e viável.

Assim, a atividade da consciência, que caracterizamos como teórica, desde que opera no nível do pensa

mento, "se desenvolve como produção de objetivos que prefiguram idealmente o resultado real que se quer obter mas se manifesta, também, como produção de conhecimentos, isto é, em forma de conceitos, hipóteses, teorias ou leis, mediante os quais o homem conhece a realidade"^{21:191}.

Não podemos, em momento algum, sob pena de falsear a realidade, prescindir do conhecimento na determinação de objetivos, como esquecer que esta se faz pela construção de conhecimentos sobre a realidade.

A teoria é, assim, condição necessária para se chegar conscientemente à prática. Mas não é suficiente para que a prática se concretize. Ela proporciona o conhecimento indispensável para transformar a realidade, e traça finalidades que projetam sua transformação, mas se estas não se concretizarem, não teremos a transformação desejada, não teremos práxis. "A teoria tem que ser arrancada de seu estado meramente teórico e, através das mediações adequadas, buscar realização"^{21:207}, a qual requer o conhecimento dos meios e instrumentos para transformá-la e da viabilidade de sua realização.

Chegaremos assim, com uma ação pautada por objetivos teoricamente orientados, a um produto-objeto transformado que, nem sempre corresponde ao ideal, pois o objeto sempre opõe resistências à forma desejada. A forma ideal deve ser, por sua vez, continuamente alterada, em face das exigências do próprio real.

O produto, como resultado real de um proces

so que se inicia com o estabelecimento de um resultado ideal, é alcançado através das mediações que permitem a concretização das finalidades. Ou seja, através do método. Quando falamos em método, não nos referimos à concepção exposta na epistemologia cartesiana, segundo a qual ele se reduziria a um conjunto de regras que, por si mesmas, garantiriam a obtenção dos resultados pretendidos. Ao considerarmos o conhecimento como nunca acabado, mas em processo de construção, não podemos aceitar a idéia de que haja um conjunto de normas e regras que, por si só, garantam a cientificidade do conhecimento produzido através dele.

Todo método envolve um objeto a ser transformado por um sujeito, através de um conjunto de meios e ações. Isto implica que o sujeito tenha uma concepção do objeto a ser transformado, e conheça os meios a serem utilizados para que se obtenham os resultados pretendidos. Ou seja, uma discussão metodológica não envolve apenas a escolha de regras e normas a seguir, mas estas só são estabelecidas pelo sujeito, a partir de como este conceba o objeto, e dos objetivos que queira alcançar.

Ao se estabelecer um método de ação, ou seja, uma sequência lógica de passos para se alcançar os fins propostos em relação a um objeto, este processo deve ser a interpretação operacional das bases epistemológicas do método e dos aspectos específicos, próprios do objeto. Isso significa que, para objetos diferentes devem existir

métodos diferentes de ação, mas também que um objeto, pode ser trabalhado segundo diferentes métodos, dependendo isto de como seja este objeto interpretado pelo sujeito.

Nossa percepção do que seja método, não se limita assim, a uma ótica formalista, na qual o método consistiria num modelo teórico a ser aplicado à realidade, nem a uma ótica empirista, pela qual o método prescinde de um esquema teórico.

Para nós, o método é um elemento que é parte de um conjunto constituído pela teoria, objetivos e objeto, estando caracterizado pelos elementos teóricos e ideológicos dos quais deriva. Assim, o método, assim como os elementos nos quais se baseia, estão vinculados à realidade, têm uma dimensão histórica, que lhes confere um caráter de flexibilidade.

3 - UMA PESQUISA SOBRE A PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL

3 - UMA PESQUISA SOBRE A PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL

3.1 - QUESTÕES BÁSICAS A SEREM INVESTIGADAS

A partir da configuração atual do Serviço Social no Brasil, diante das concepções teóricas que orientam a ação profissional e tendo em vista que as relações que se estabelecem entre conhecimentos, objetivos e métodos, caracterizam as estratégias metodológicas adotadas, nós nos propomos a conhecer melhor a prática de Serviço Social que vem sendo desenvolvida em nossa realidade, sob esses aspectos.

Nosso interesse volta-se, mais especificamente para identificar os elementos teóricos presentes nas formas de ação de alguns assistentes sociais - aqueles que vêm se detendo na busca de uma fundamentação científica para seu trabalho, e que se encontram mais próximos das novas formulações teóricas do Serviço Social. Estes profissionais são, a nosso ver, os que têm maior possibilidade de desenvolver uma prática em que estas novas formulações se concretizem, contribuindo para a transformação social.

Definimos assim, que trabalharíamos com os assistentes so
ciais que estão realizando atualmente o Mestrado em Serviç
o Social na Universidade Federal de Pernambuco, e que vêm
desenvolvendo uma ação como assistentes sociais. Os pro
fissionais que cursam o mestrado, mas não se acham engajad
os numa prática não foram incluídos nesse grupo.

Ao nos determos no estudo da prática destes
assistentes sociais, buscamos perceber se a orientação teó
rico-metodológica que os orienta está se refletindo na ex
pressão dos objetivos de sua ação e na delimitação dos pro
cedimentos adotados. Mostra-se ainda, como fundamental,
saber se o profissional se percebe vinculado a uma perspect
tiva teórico-prática de Serviço Social, e a que perspectiv
va se vê ligado, pois acreditamos que o fato dele reconhece
cer-se, ou não, vinculado a uma concepção específica de
Serviço Social, interfere em sua ação.

Se o profissional reconhece a perspectiva de
Serviço Social que o orienta, terá uma ação totalmente di
rigida a seus objetivos refletindo com clareza sobre a ex
periência vivida, tirando dela todos os ensinamentos possív
eis, o que lhe dará forças para tentar mudar suas ações.

Somente o profissional que desenvolve uma
percepção crítica, com o apoio de conhecimentos teóricos,
que lhe permitem analisar seu trabalho e perceber as implic
ações que este apresenta, a que interesses está servindo,
torna-se capaz de rever suas concepções e assumir uma persp
ectiva de Serviço Social que se concretize um compromisso

com a sua "clientela", ou seja, com as camadas populares com que geralmente atua.

Pretendemos assim, resgatar as ações desses assistentes sociais, tentando captar o que elas apresentam de novo, na expectativa de corresponder aos novos compromissos da profissão.

A questão fundamental de nosso trabalho, é: quais as formas que o trabalho do assistente social assume, que estratégias são utilizadas para viabilizar um projeto de ação que esteja inserido e contribuindo para o projeto de transformação da sociedade brasileira?

Mas examinar apenas as estratégias de ação, em si mesmas, não faria muito sentido. Importa entender também o que está por trás destas formas de ação o que as sustenta teórica e ideologicamente. Somente assim poderemos entendê-las e tirar delas alguns ensinamentos que poderão contribuir para que nossas práticas se desenvolvam.

3.2 - PROCEDIMENTO ADOTADO

Definido o grupo com que desenvolveríamos nosso trabalho - assistentes sociais no exercício da função profissional e que estivessem cursando o mestrado em

Serviço Social - verificamos que este se compunha de 12 pessoas. Entramos em contato com elas, informando-as de nossas pretensões, solicitando a realização de entrevistas, assim como a cessão de documentos ou planos de trabalho, e textos escritos sobre a sua prática.

Entendemos que o material proveniente das entrevistas, planos e textos, nos permitiria identificar os elementos teóricos que permeiam a prática profissional.

Optamos por realizar entrevistas abertas, não estruturadas, orientadas por duas questões básicas, envolvendo a concepção de Serviço Social e como esta se concretiza na prática. Encontramos grande receptividade dos profissionais à entrevista, sendo que três deles não puderam colaborar por problemas pessoais. Consideramos muito proveitoso o material obtido através das entrevistas, principalmente porque os profissionais se mostraram muito abertos ao trabalho, o que deve ter contribuído para que eles se expusessem simplesmente, sem a preocupação de "enfeitar" seu trabalho, ou seja, de apresentá-lo o mais possível como ele realmente é, e não como gostariam que fosse. As entrevistas foram gravadas, posteriormente foram transcritas e então entregues aos entrevistados, para correções e acréscimos. Apenas uma não seguiu este procedimento, pois o profissional demonstrou inibição diante do gravador. Desta, foi feito o relato escrito, após o término da entrevista. Este relato também foi submetido ao assistente social.

De posse das entrevistas, dos planos e trabalhos obtidos com os profissionais, enfocando sua prática, iniciamos o trabalho de leitura do material. Através dessa leitura, e apoiados em nosso referencial teórico, tentamos estabelecer um plano de análise que nos permitisse compreender e explicar o que encontramos.

É importante esclarecer ainda, que todo o nosso trabalho foi planejado para privilegiar a informação obtida através dos sujeitos da pesquisa. Assim, o resultado obtido, não resulta apenas do que pensa o pesquisador, mas de uma reflexão conjunta, desencadeada por este, na situação de entrevista. Os dados obtidos dessa forma, têm caráter qualitativo. Na verdade, os aspectos quantitativos da prática não foram por nós considerados, mesmo porque, devido a termos trabalhado com um número reduzido de profissionais, e também por eles representarem, dentro da categoria profissional, um grupo estratégico, esta amostra não apresentaria relevância estatística.

Quando dizemos que os profissionais formam um grupo estratégico, isto significa que, dentre cerca de mil assistentes sociais existentes em nosso Estado, eles sobressaem pelo fato de estar buscando, através de estudos teórico-práticos, redimensionar sua prática. cremos, assim, que os resultados obtidos através deles, terão certa expressividade pelos caminhos que nos podem apontar para a prática do Serviço Social.

3.3 - O QUADRO DE ANÁLISE

Definidos os objetivos de nosso trabalho, procuramos elaborar um quadro de análise que permitisse compreender e explicar o que se nos apresentava. Seleccionamos alguns temas que se mostravam como fundamentais para a seleção, análise e interpretação dos dados.

Os temas e subtemas selecionados foram os seguintes:

- 1 - Pressupostos Teóricos da Ação Profissional
 - 1.1 - Concepção de sociedade
 - 1.2 - Concepção de Instituição
 - 1.3 - Concepção de Homem/cliente do Serviço Social.
- 2 - Concepção de Serviço Social
- 3 - Objetivos do Serviço Social
- 4 - Procedimentos e estratégias metodológicas.

Estes temas foram divididos em subtemas e itens, expressando os diferentes posicionamentos dos assistentes sociais que, implícita ou explicitamente orientam sua ação.

O material por nós coletado, foi analisado de acordo com os diferentes temas e subtemas, partindo-se

do pressuposto de que deveria haver uma relação de coerência entre os vários itens, por parte de cada profissional. Este instrumento de análise nos permitiu constatar a realidade da prática, assim como identificar possíveis contradições que seviram de pontos de reflexão. Enfim, obtivemos uma indicação sobre os rumos que estão sendo imprimidos à prática do Serviço Social em nosso meio, pelos profissionais que vêm procurando buscar, através do Mestrado, melhor fundamentar sua ação, assim como inseri-la nos atuais rumos da profissão.

TEMAS E ÍTENS DE ANÁLISE

Temas	Ítens
1. <u>Pressupostos teóricos</u>	
1.1 - <u>Concepção de Sociedade</u>	- Sistema integrado e harmônico - Estrutura complexa, já dada como dominante - Totalidade contraditória e dinâmica
1.2 - <u>Concepção de Instituição</u>	- Organismo funcional, de prestação de serviços, numa política de bem-estar - Instrumento de classe dominante - Espaço de enfrentamento concreto dos interesses de classes

Continua....

Temas	Ítems
1.3 - Concepção de Homem/cliente do Serviço Social	- Indivíduos e grupos pobres, carentes - Indivíduos e grupos carentes e/ou desajustados - Classe dominada
2 - <u>Concepção de Serviço Social</u>	- Trabalho técnico de prestação de serviços e assistência - Profissão que contribui para a superação de desajustes individuais e sociais - Criação de condições de participação no processo de desenvolvimento nacional - Criação de condições subjetivas, individuais, para a transformação da sociedade (conscientização) - Contribuir nas lutas e movimentos de classe dominada
3 - <u>Objetivos do Serviço Social</u>	
3.1 - A Nível Geral	- Neutralidade - Manutenção do funcionamento social - Transformação da sociedade
3.2 - A Nível Específico	- Adotam-se os objetivos institucionais

Continua ...

Temas	Ítems
	- Conjugam-se os objetivos <u>ins</u>titucionais com os objetivos profissionais - Ultrapassam-se os objetivos institucionais
4 - <u>Procedimento Metodo-lógico</u>	
4.1 - Quanto ao Trabalho Institucional	- Aceitação total de normas e diretrizes - Críticas às normas, sem uma ação coerente - Luta por maior participação nas decisões.
4.2 - Problematização	- No indivíduo/grupo ou <u>comuni</u>dade - No indivíduo e meio imediato - Na relação homem/estrutura
4.3 - Intervenção	- Limitada ao indivíduo/grupo (ao "cliente") - Atinge o indivíduo e seu meio imediato - Volta-se para os elementos da relação homem/estrutura.

Na elaboração deste instrumento para análise do material pesquisado, nos apoiamos nas contribuições de JOSEFA LOPES¹⁰ e ALBA MARIA P. CARVALHO² que, em textos publicados sobre Serviço Social, tentaram criar algumas categorias para análise da produção teórica de Serviço Social.

3.4 - SUJEITOS DA PESQUISA

Quem são os assistentes sociais com os quais trabalhamos?

São pessoas que têm de 2 a 20 anos de profissão: dois assistentes sociais têm menos de 5 anos de profissão, três têm de 5 a 10 anos, dois têm entre 10 e 15 anos de formados e dois têm mais de 15 anos de trabalho.

No momento em que foram entrevistados, havia um profissional que estava há cerca de um ano cursando o Mestrado, sendo que os demais já haviam completado mais da metade do curso.

A maioria dos profissionais encontrava-se vinculada a organizações institucionais de origem estatal. Um deles estava empregado numa empresa de economia mista, e outro encontrava-se vinculado à Arquidiocese, desenvolvendo seu trabalho sob esta orientação.

Em termos de campos de atuação, os profissio

nais desenvolviam atividades em diferentes áreas e com diferentes clientelas - habitação, previdência, empresa, menores, justiça, comunidade.

A ênfase da atuação, na maioria das instituições, recaía em trabalho intra-institucional. Entretanto, em três casos, a atuação era fundamentalmente fora do espaço físico institucional, em áreas urbanas periféricas.

Dos profissionais entrevistados, sete deles encontravam-se trabalhando diretamente com a clientela, sendo que dois realizavam uma ação de supervisão de assistentes sociais e coordenação de serviços.

Quanto à clientela atendida por estes profissionais, abrangia:

- população de bairros pobres, periféricos
- trabalhadores assalariados e seus dependentes, ou sub-empregados e desempregados
- funcionários da própria instituição.

Em sua maioria, a clientela se compunha de pessoas pertencentes às camadas populares, à classe dominada. Uma pequena parte é de pessoas consideradas da "classe média", ou seja, que dispõem de um salário fixo que lhes permite não só suprir necessidades básicas, mas manter um nível razoável de conforto e segurança.

Estes dados sobre os sujeitos da pesquisa, mostram que eles formam um conjunto bastante diversificado de profissionais de Serviço Social, tanto sob o aspecto de

tempo de trabalho, como de área de atuação, clientela, etc.
O único aspecto realmente comum entre eles, é o fato de es
tarem cursando o Mestrado, ao mesmo tempo em que desenvol
vem uma prática profissional.

4 - A COERÊNCIA ENTRE CONHECIMENTOS, OBJETIVOS E
MÉTODOS NA PRÁTICA PROFISSIONAL

4 - A COERÊNCIA ENTRE CONHECIMENTOS, OBJETIVOS E MÉTODOS NA PRÁTICA PROFISSIONAL

Com a análise dos discursos e textos, feita através da utilização do quadro já exposto, chegamos à conclusão que os profissionais poderiam formar dois grupos distintos. A definição dos grupos tomou por base, assim, a relação de unidade e coerência entre os conhecimentos, objetivos e métodos apresentada na prática dos profissionais. O primeiro grupo engloba os profissionais cuja atuação se situa nos limites dos marcos tradicionais do Serviço Social, estando voltado à manutenção do funcionamento social. O segundo grupo, pretende inserir-se numa perspectiva reconceituada de Serviço Social, no sentido de contribuir para a transformação social.

Expor e tentar analisar o que os profissionais do primeiro grupo revelaram sobre sua prática, é falar da tradição em Serviço Social. Fazer o mesmo, em relação ao segundo grupo, é tentar falar de um Serviço Social que se quer tornar práxis, e que se encontra a caminho disso.

4.1 - DE TRADIÇÃO

Que faria dessa lucidez? Sabia também que aquela sua clareza podia se tornar o inferno humano. Pois sabia que - em termos de nossa diária e permanente acomodação resignada à realidade - essa clareza era um risco.

Clarice Lispector

4.1.1 - O Não Reconhecimento da sua Perspectiva Teórica de Serviço Social

Os profissionais entrevistados, todos eles, conhecem as duas perspectivas gerais, básicas que se fazem presentes atualmente no Serviço Social. Reconhecem, também, o caráter não apenas teórico-metodológico, mas ideológico que tem uma prática como a de Serviço Social, a qual se propõe a uma intervenção na realidade social.

Entretanto, isto não impede que, alguns deles não reconheçam a sua vinculação a uma perspectiva específica de Serviço Social, mais exatamente à perspectiva tradicional. Ou seja, estes profissionais têm dificuldade em perceber que seu discurso e sua prática correspondem a um Serviço Social que promove a adaptação, o ajustamento de sua clientela à sociedade.

"Minha formação foi hiper tradicional. Mas sempre pensei o mesmo do Serviço Social: uma profissão que procura ajudar o homem a compreender a realidade social, a conhecer e transformar a sua realidade".

A contradição aparente desta afirmativa - o profissional se dizendo vinculado à perspectiva transformadora, desde sua formação, mesmo afirmando que esta se realizou sob a ótica tradicional do Serviço Social, é significativa. Expressa, com clareza, a sua rejeição ao Serviço Social ajustador, mas expressa também a sua dificuldade em visualizar exatamente o que diferencia as duas concepções de profissão.

Ao não se reconhecerem vinculados à perspectiva tradicional de Serviço Social, a qual inclusive é por eles rejeitada a nível de discurso, estes profissionais incorrem assim, em diversas contradições. Adotam um discurso híbrido, em que se acham presentes tanto a concepção tradicional, fortemente, como fragmentos da reconceituação. Realizam ações que são requisitadas, sugeridas, ou exigidas pelas instituições a que estão vinculados, respondendo às exigências que lhes são feitas, sem nenhum questionamento. Contribuem para que a instituição cumpra, da melhor forma possível, suas finalidades. Isto significa que, através de seus atos, os profissionais estão contribuindo para a manutenção da ordem institucional e do sistema no qual ela se insere, mesmo sem perceber isto.

Estes profissionais apresentam-se inseguros em verbalizar o que é Serviço Social. O assistente social que não se aceita apenas como um agente de prestação de serviços ou de ajustamento social, mas que ainda não consegue colocar-se dentro da nova perspectiva da profissão, pela qual entretanto, se sente atraído, mostra-se inseguro para expressar o que é Serviço Social. Ao tentar fazê-lo, utiliza termos que pertencem à "família ideológica"^{11:24} da reconceituação, mas que perdem seu sentido real, por figurarem num contexto que lhes é estranho, o que faz com que adquiram um outro significado.

O termo conscientização, por exemplo, é usado com certa freqüência, mas fora do sentido que a reconceituação lhe dá. Em nenhum momento a conscientização deve ser encarada como uma reflexão do indivíduo, voltada para ele mesmo.

"Serviço Social é conscientização. É promoção social, é refletir com o cliente sobre o que ele é, como ele se sente".

Assim também ocorre com a preocupação com a promoção social, sempre presente no discurso tradicional da profissão, e que não inclui em sua realização a conscientização.

A crítica à instituição, que o profissional vê como entrave à realização de seu trabalho, se faz presente nestes profissionais, mas mesmo assim, não impede

que sua ação se perca em atividades desconexas, soltas, sem que se possa determinar o que se pretende com elas. Ou então que se limite aos interesses da instituição, encaixando-se perfeitamente em seus objetivos e diretrizes, perdendo-se dos objetivos da profissão.

Segundo MARIA LUIZA DE SOUZA "se o assistente social se restringe a executar irrefletidamente as diretrizes institucionais, sem perceber o significado de suas ações, fica sem possibilidade de redefiní-los em função da problemática da população"¹⁹. Suas ações, assim, servem diretamente à instituição, que funciona como a referência do trabalho profissional, quando esta deveria residir na população com que o assistente social trabalha.

4.1.2 - Pressupostos que Fundamentam a Ação

- Concepção de Sociedade

No material obtido através das entrevistas e textos em que os profissionais analisam sua prática, encontramos poucas referências explícitas sobre a concepção de sociedade. Assim, nossas conclusões sobre este ponto, baseiam-se principalmente, nos elementos implícitos no discurso.

Encontramos profissionais que parecem aceitar a ordem social, na medida em que não a questionam e

procedem a uma tarefa de adequação do indivíduo a esta ordem. É o que podemos deduzir quando o profissional diz que trabalha com os clientes que não cumprem as determinações do programa ao qual está vinculado, e tenta fazê-lo compreender que para permanecer vinculado, deve respeitar suas regras. Estas, entretanto, não são questionadas nem discutidas em termos de sua validade e oportunidade. São simplesmente executadas.

Encontramos também profissionais que parecem não concordar que a nossa sociedade, tal como está estruturada, seja um organismo perfeito e harmônico. Eles levantam algumas considerações sobre as relações sociais, que expressam uma certa percepção crítica quanto à forma de organização social vigente, como se pode inferir da colocação abaixo:

"Devemos pegar o operário e dizer-lhe que está tudo errado, que ele está sendo explorado?".

No entanto, ao esboçar esta percepção da sociedade, o profissional não exerce qualquer ação em relação ao que identifica. Sua "reação" é de imobilismo, o que nos leva a crer que ele parece fazê-lo sem a necessária sustentação teórica, encarando a sociedade apenas como um instrumento do poder dominante. Ele então se limita a realizar o trabalho que a instituição lhe solicita, sem perceber o que pode ser feito além disso, ou então se omite de realizar o que não considera como sendo sua tarefa.

"O projeto está funcionando direitinho, dentro do que a instituição se propõe. Mas eu, como assistente social, gostaria que as pessoas participassem mais um pouco. Então, isso é que eu não sei como".

"Eu me nego a fazer um trabalho se não fui consultada sobre ele".

A ausência de maiores referências à sociedade, assim como a dificuldade dos profissionais em explicá-la pelo confronto entre diferentes classes sociais, se reflete diretamente sobre sua ação. A falta do embasamento teórico ou sua insuficiência se evidencia principalmente através de um fato: em textos escritos sobre a prática, em que o profissional a analisa à luz de um referencial teórico, ele sempre adota a perspectiva do materialismo histórico-dialético. E vemos que o profissional que, num texto escrito, adota categorias como classes sociais, luta de classe, ideologia dominante, etc., para analisar sua prática, sequer toca em qualquer destes termos ou os aplica à sua ação, ao falar verbalmente sobre ela, na situação de entrevista*. Isto nos sugere que esta outra forma de conceber a realidade, não foi devidamente internalizada por

* É bom lembrar que, como já dissemos anteriormente os profissionais mantiveram-se muito à vontade durante as entrevistas, sem censurar-se quanto às informações.

estes profissionais, o que compromete sua ação. Desde que ele não se sente seguro em se situar diante da realidade como pessoa, dificilmente terá essa segurança como profis sional, incorrendo em dúvidas quanto à ação que deverá de sempenhar, e que demonstram a necessidade dele adquirir maior consistência teórica para compreender sua realidade. Suas inseguranças e questões - para as quais por enquanto, ele não tem resposta, podem ser identificadas em afirmativas como essa:

"Não somos revolucionários, nem somos mantenedores do sistema".

Ao dizer isto, este profissional não admite a possibilidade de estar trabalhando para a reprodução das relações sociais, para sua manutenção. Num certo momento, ele expressa isto, de outra forma, quando parece reconhecer que cumpria esta função, mas sem que isto fosse percebido:

"Nós não queríamos manipular o homem, a penas não nos preocupávamos em ligar seu problema às condições sociais. Mas a reconceituação acusa o assistente social de viver acomodado ao sistema, de servi-lo, como se isto fosse consciente. Mas não era".

É certo que, ao mesmo tempo em que rejeita as funções de ajustamento, rejeita também as "funções revol

lucionárias". E não consegue estabelecer claramente, o que o Serviço Social deveria realizar. Também acreditamos que uma profissão, seja ela qual fôr, não pode se propor a realizar a transformação social, pois esta é uma tarefa muito mais ampla. Mas esta formulação do Serviço Social, corresponde a uma etapa já ultrapassada da reconceituação que, atualmente vem dando lugar a formulações mais específicas da profissão, afastando-se das idéias irreais e utópicas que marcaram seu início. O profissional parece não considerar isto em sua crítica, o que o impede de reelaborar suas próprias concepções.

- Concepção de Instituição

A instituição, tal como é considerada neste trabalho, é a organização institucional à qual o profissional está vinculado.

Em seu discurso, o assistente social se refere constantemente à instituição em que trabalha, geralmente através de críticas. Apenas em um caso isto não ocorreu, pois o profissional a vê apenas em seus aspectos positivos, de prestação de serviços, sem perceber que por meio dos "benefícios" oferecidos à clientela, se concretizam os interesses básicos dos grupos dominantes na sociedade. Isto se expressa em afirmativas como essa:

"Eu acho que a instituição já faz muito, está mantendo muita coisa, o que lhe está saindo muito oneroso".

Entretanto, muito mais comum são as críticas à instituição, que não consegue cumprir suas finalidades e, que "impede" o assistente social de trabalhar como ele acha que deveria fazê-lo, segundo seu projeto profissional. Reconhece, assim, a função de mediação, entre os interesses da instituição e os da população, que é delegada ao assistente social.

"A instituição nos quer como mediadores entre seus interesses e os da clientela".

"Existe uma contradição entre os objetivos da instituição e os objetivos do Serviço Social".

Estas críticas do profissional à instituição concentram-se, entretanto, na percepção de que a instituição é totalmente controlada pela ideologia dominante, é um organismo fechado e impenetrável, como se também não pudesse responder, através de suas atividades, a algumas necessidades e interesses das classes populares.

"A programação que desenvolvemos é toda ela proposta verticalmente, sem que a população possa participar do seu planejamento".

*"Toda instituição é um sistema de con
trole. Por mais que se tente, não se
pode fugir dele".*

Essa forma de perceber a instituição resulta da insuficiência teórica à qual já nos referimos anteriormente - o profissional não dispõe dos recursos teóricos que lhe permitiriam percebê-la, não apenas como um aparelho de reprodução das relações sociais, mas também como um espaço onde os interesses de classe têm oportunidade de se defrontar.

Assim, apesar das críticas, o profissional prossegue atuando dentro das diretrizes institucionais, sem questioná-las em profundidade e sem acreditar que é possível alguma alteração nessas diretrizes.

Na busca de uma explicação para isto, nos parece que um dado ressaltado por vários profissionais, talvez nos ajude a compreender o que ocorre com os assistentes sociais: sua vinculação à instituição, como empregado assalariado, o deixa indeciso quanto ao que deve fazer. Assim, ele não sabe se atende aos interesses da instituição ou aos da clientela, desde que estes nem sempre coincidem, podendo até mesmo ser contraditórios.

"O assistente social deve lealdade tanto à instituição, quanto à clientela".

"Somos contratados por uma instituição e temos um compromisso com a cliente-la. Como é que nos posicionamos quan

do temos um emprego para defender?".

Esta pergunta, feita freqüentemente pelos as sistentes sociais, é respondida através de ações que indi cam que, primordialmente, os interesses que devem ser res pondidos são os institucionais.

- Concepção de Homem/Cliente do Serviço Social

Este grupo de profissionais, ao falar sobre o seu "cliente", expressa uma série de idéias que se fazem presentes no discurso tradicional de Serviço Social, como se elas os houvessem impregnado. O homem é visto como um indivíduo que deve ser respeitado, deve ter liberdade para decidir sobre a sua vida. Estas colocações perdem seu va lor quando, em nome de sua individualização, o "cliente" é tratado como um ser a-histórico, como se suas atitudes não fossem o produto de um complexo de relações sociais, dentro do qual se estruturou como pessoa.

"Incorporei os valores da profissão: o respeito à dignidade da pessoa humana, a liberdade da pessoa, o direito da pessoa se expressar".

"Anteriormente, havia uma preocupação maior, no curso de Serviço Social, com

"a formação moral do aluno, com a transmissão dos valores de respeito à pessoa, os princípios do Serviço Social".

"Aprendi a ver o homem como pessoa humana, como indivíduo".

Toda essa preocupação com valores e princípios do Serviço Social, de certa forma encobria, a nível da profissão, as relações de classe que se fazem presentes na sociedade e que foram ignoradas pelos assistentes sociais, por tanto tempo. Isso impedia os profissionais até mesmo de perceberem que, estes valores e princípios eram constantemente desrespeitados, em função da ordem social.

Perceber o "cliente" como um indivíduo, sob este prisma, significa ainda, imputar-lhe a responsabilidade pelos problemas que ele vivencia. Assim é que, a "clientela" do Serviço Social, tal como é vista pelo assistente social, e como é considerada pela instituição, abrange as pessoas em situação de carência, ou que se apresentam desajustadas à sociedade. Pessoas enfim, que precisam de ajuda do profissional, para restaurarem seu equilíbrio, para não comprometer o funcionamento social.

"O Serviço Social pode contribuir para a conscientização do homem, ou melhor, do homem carente".

"Atendo a uma população carente e, possivelmente, de pessoas limitadas".

"Os clientes do Serviço Social são as pessoas incapacitadas para a produção, devendo ser readaptadas à sua própria função, ou a outras".

Este "cliente", em alguns casos, é considerado como fazendo parte de um grupo de pessoas que, nem sempre merece a confiança do profissional, como se não fosse merecedor do respeito e da dignidade que, supostamente, os princípios da profissão lhe conferem:

"Eu não sei se o cliente é realmente, sério, se vai manter o que está prometendo, ou se é como muitos outros".

"Eu tenho que fazer com que estas pessoas se responsabilizem. Como acho que realmente deve ser feito".

Uma colocação, feita por um profissional, exemplifica exatamente a percepção que estes assistentes sociais têm sobre seu cliente - como se ele fosse o único responsável por seu desenvolvimento, e como se, a própria sociedade, não lhe impusesse freios à sua realização como homem.

"O cliente é o sujeito e agente da sua própria promoção, do desvelamento de suas potencialidades".

Encarando desta forma seu cliente, como al

quém que errou e precisa ser reconduzido ao caminho certo, ou como alguém que precisa de ajuda profissional para desenvolver-se, o assistente social acaba por se posicionar, freqüentemente, ao lado da instituição que defende a ordem e o "bem-estar". O cliente poderá contar com o apoio do assistente social, desde que queira colaborar com ele, desde que esteja disposto a ajustar-se à ordem social. Este "compromisso" do assistente social com o "cliente" é então, referendado pela instituição.

4.1.3 - Concepção de Serviço Social

Temos assim, por tudo o que já foi visto, algumas indicações sobre a concepção de Serviço Social dos profissionais deste grupo.

Coerente com a dificuldade de expressar com clareza o que pensa sobre a sociedade, a instituição e o cliente, o profissional mostra-se inseguro para dizer o que é o Serviço Social.

Alguns assistentes sociais, se detêm em afirmar que ainda não sabem o que é Serviço Social, que a profissão está numa fase de indefinição.

"Talvez eu vā ter um dia uma resposta sobre o que é realmente o trabalho do

assistente social".

"Ainda não consegui descobrir o que é Serviço Social realmente. Eu sei o que não é Serviço Social".

Ao expressar que sabe o que não é Serviço Social, os profissionais se referem à imagem do assistente social "bonzinho", que oferece bens materiais ao cliente, ou que resolve tudo por ele.

"Procuro desmistificar a questão da assistente social boazinha. De ser aquela que dá, que faz tudo, que toma as iniciativas".

"Como assistente social, eu não tenho a obrigação de dar ao cliente soluções para a sua vida, resolver por ele, arranjar emprego, etc".

O fato do profissional não conseguir expressar com clareza sua concepção de Serviço Social, parece-nos, resultar entretanto, muito mais da dificuldade de elaborar um conceito sobre a profissão, do que da ausência de uma idéia sobre ela. Expressa, enfim, a insegurança do profissional que não mais admite expressamente um Serviço Social ajustador, de prestação de serviços, mas que não consegue incorporar as novas propostas da profissão à sua ação. Como afirmar que o profissional não tem uma concepção sobre sua profissão, quando ele realiza diariamente a

ções em que se reconhece - ou não - como assistente so
cial?

*"Eu não vejo nada de Serviço Social no
que estou fazendo".*

Encontramos também, o profissional que diz que sua concepção de Serviço Social não mudou, que é a mesma até hoje. Mas esta afirmativa se faz em meio a contradições, pois ao mesmo tempo em que afirma a inexistência de mudança, o profissional diz que sua concepção foi ampliada, ou seja, que alguns elementos foram introduzidos.

"Eu me sinto do modo tradicional porque me formei nele, mas a reconceituação contribuiu para que hoje, eu veja o homem ligado às condições sociais, aos problemas de sua realidade".

Uma afirmativa como esta, partindo de um profissional que diz também, que sua ação não contribui nem para a manutenção do sistema, nem para sua transformação, soa bastante contraditória. Nos perguntamos se, ao dizer que vê o homem ligado às condições sociais, ele não acaba por limitá.las às condições imediatas deste homem, expressas por seu meio familiar, seu bairro, etc.

Ocorre ainda que, ao afirmar que sua concepção não mudou, e ao dizer que ela se elaborou através de uma formação acadêmica tradicional ele acaba por colocar-

se dentro desta perspectiva, sem contudo, perceber isto. E assim, mistura a essa concepção tradicional, alguns elementos que compõem a nova imagem da profissão, como se estivesse vinculado a ela.

"Estou entre os assistentes sociais que receberam informação apenas sobre um paradigma da profissão, durante a graduação - o tradicional".

"Não mudou, entretanto, minha maneira de perceber o Serviço Social. Eu acho que o assistente social pode realizar o processo de conscientização".

Ao tentar expressar a ausência de mudança em sua concepção de Serviço Social, o assistente social recorre a um discurso humanista, no qual as idéias básicas apontam para o desenvolvimento, a promoção, a autodeterminação do homem. O conteúdo ideológico presente nestas colocações, que encaminham o assistente social para uma ação de manutenção da ordem social, não é identificado, assim como não é relacionado às condições objetivas da época em que ele foi introjetado, durante a formação profissional. Percebe-se assim, claramente, a dificuldade do profissional, em romper com a concepção dentro da qual se formou e em assumir novas posições, com as quais parece concordar.

"Eu acho que a pedra fundamental do Serviço Social não muda, é o desenvolvimento".

mento do homem através de um processo educativo. Esse desenvolvimento antes era alcançado pelo ajustamento, hoje a preocupação é transformar. Mas o fundamental não muda".

Na verdade, o discurso destes profissionais expressa nitidamente, a ausência de uma fundamentação teórica sólida, que permite ao profissional compreender a realidade em que vive, e posicionar-se, diante da profissão. Há uma flagrante imprecisão conceitual na utilização de termos pertencentes a diferentes concepções de Serviço Social, como se estes pudessem ser usados concomitantemente. Isto reflete a ambigüidade do profissional, que não mais se admite nos limites dos marcos tradicionais da profissão, mas que não consegue escapar deles. Exemplos como os que se seguem, atestam a imprecisão conceitual presente no discurso dos assistentes sociais.

"Serviço Social é conscientização. É promoção social".

"Serviço Social é quase um processo de conscientização, é orientação".

O termo conscientização, conforme já nos referimos anteriormente, aparece várias vezes no discurso dos assistentes sociais, mas raramente assume o significado que tem no contexto da reconceitualização. Quando fala em conscientização, esse profissional se refere a um processo

que é desenvolvido através da reflexão do indivíduo sobre si mesmo, sobre suas potencialidades. É como se fosse um processo individual, referente a características pessoais. Isto mostra a dificuldade do profissional em lidar com con ←
ceitos que não domina e que não consegue operacionalizar.

"Eu vejo o Serviço Social como uma pro
fissão que pode contribuir para a cons
cientização do homem carente. Deve-se
 levá-lo a compreender a situação de
le".

"O Serviço Social é conscientização. É
 ajudar o cliente a refletir sobre si
 mesmo e o mundo em que está vivendo".

Por tudo o que encontramos, esse grupo de
 profissionais parece encarar o Serviço Social como uma pro
fissão que contribui para "integrar, ajustar e adaptar os
 elementos disfuncionais à ordem social definitiva". Tem
 uma função de mediação, entre os interesses da população e ←
a instituição.

Entretanto, não é com tranquilidade que os
 assistentes sociais reconhecem isto, quando o fazem. Na
 maioria das vezes, não reconhecem que está é a concepção
 de Serviço Social que fundamenta sua ação, acreditando que
 a desenvolvem coerentemente com o que acreditam ser o Ser
viço Social reconceituado. Quando admitem, em alguns mo
mentos, que apenas contribuem para a manutenção das rela
ções sociais dominantes procuram justificar-se através dos

impedimentos próprios da estrutura social, e também admitindo seu despreparo para o trabalho que deveria ser desenvolvido.

"Dentro das limitações - do sistema vigente e da falta de um constante aperfeiçoamento profissional, os assistentes sociais têm procurado melhorar sua intervenção profissional".

"Está me faltando alguma coisa para poder realizar um trabalho maior, diferente, com a comunidade".

4.1.4 - Objetivos do Serviço Social

Em relação aos objetivos da profissão, a nível geral, estes profissionais não assumem a direção transformadora que o Serviço Social vem desenvolvendo, a partir da reconceitualização. Assim, apesar de não se verem como "defensores do status quo", contribuem, na verdade, para a manutenção da ordem social, mantendo-se ligados às origens tradicionais da profissão. Isto é identificado por nós, em meio às contradições e ambigüidades presentes no discurso dos profissionais.

"Serviço Social deve pretender a conscientização, deve orientar, ajudar o homem a refletir sobre si mesmo".

"O trabalho do Serviço Social é junto ao cliente, tentando que ele se adapte às suas funções".

Quando passamos para o nível dos objetivos específicos, verificamos que o profissional mostra-se encarando o cliente como alguém que deve ser ajudado e/ou ajustado, como ser carente e disfuncional à ordem social, o que reforça nossa afirmação precedente, quanto aos objetivos gerais.

"O Serviço Social desenvolve um trabalho com o cliente, objetivando a sua volta, o mais breve possível à força de trabalho, após incapacidade temporãria".

"O assistente social atende aquelas pessoas que estão com problemas, quando há muitos pontos críticos".

Nem sempre, entretanto, os objetivos do Serviço Social, englobam o interesse ou necessidades do cliente:

"O cliente nem sempre está interessado nos serviços que oferecemos. Seria bom sabermos seus interesses e necessidades, para oferecermos o que ele precisa. Assim ele estaria participando do programa".

A preocupação em responder aos objetivos institucionais parece prevalecer sobre os objetivos da prôpria profissão, e se sobrepor também, aos objetivos da clientela. É isto o que se pode deduzir destas colocações:

"O nosso projeto de trabalho propõe a integração e ajustamento do cliente à instituição".

"Procuro fazer o cliente situar-se na realidade, fazendo-o saber por que ele está na instituição".

Vemos assim, que os objetivos que pautam a ação dos assistentes sociais, trazem implícita uma disposição à aceitação das diretrizes institucionais, ao não questionamento da ordem social, e uma proposta de que os indivíduos disfuncionais a esta ordem, devem ser a ela ajustados.

Há uma integração, dessa forma, ao discurso institucional, e uma tentativa de desenvolvê-lo em conjugação com os valores da profissão, mas com os valores tal como dispostos nos limites da concepção tradicional do Serviço Social.

[Devemos ressaltar que, o que concluímos não é percebido claramente pelo profissional, assim como ele não se aceita fazendo este Serviço Social.] Mostra-se entretanto, inseguro ao tentar assumir as posições reconceituadas:

"Eu gostaria de fazer um trabalho que levasse a uma conscientização. Não sei se a uma transformação".

Um outro fator que, provavelmente dificulta que ele as assuma, é a percepção que tem da reconceituação, o que se pode deduzir de algumas considerações em que afirma que a teoria reconceituada vem se desenvolvendo em alto nível de abstração, apoiando-se unicamente num discurso de cunho político-ideológico, sem que sejam discutidas as possibilidades de sua viabilização. Questão como essa se fizeram presentes, realmente, por um longo período, mas hoje estão sendo revistas e as propostas atuais se pautam por considerar em suas discussões, o aspecto assistencial e a prática institucional, relegados a segundo plano até então.

4.1.5 - Procedimento Metodológico

Como agem os assistentes sociais que situamos neste grupo? Suas estratégias de ação mostram-se coerentes com a sua concepção de sociedade, instituição e cliente? Mantêm uma relação de unidade com a concepção de Serviço Social e seus objetivos?

Para responder a estas questões, primeiramente

te, nossa atenção voltou-se para a sequência da ação, para a forma como o profissional trabalha os momentos de conhecimento e ação. Encontramos, num extremo, uma situação em que há uma acentuada divisão do trabalho - diferentes profissionais se responsabilizam, cada qual, por um "pedaço" do processo: um estuda inicialmente o "caso", e dá um diagnóstico sobre o mesmo. Outro, a partir deste diagnóstico, desenvolve um trabalho com o cliente, sobre o qual, o primeiro profissional não tem interferência. Não tem mesmo qualquer garantia de que o trabalho terá continuidade.

Esta é uma situação extrema, sem dúvida, mas de qualquer forma, presente na prática. O que ocorre frequentemente, entretanto, é o mesmo assistente social ser responsável por todo o processo de passagem do cliente pela instituição - o que às vezes dura apenas o tempo de uma entrevista em que ele presta alguma informação, ou faz um encaminhamento.

"Orientamos os clientes a tirar registro, a vacinação, a encaminhamento médico",

Esse atendimento esporádico, e centrado num problema ou dificuldade específica do cliente, é a tônica na maior parte das vezes. O assistente social não trabalha diretamente com todos os clientes da instituição, mas apenas com os que apresentam-se como problemáticos, e seu trabalho junto a eles, dura o tempo necessário para a solução

ção do problema, ou para amenizá-lo.

"A instituição conta com um assistente social para cada trezentas ou quatrocentas pessoas. Assim, só se recorre a ele para se resolver as situações mais críticas, daqueles que estão com problemas".

Um dos profissionais, entretanto, realiza um trabalho continuado, não com toda a sua clientela, mas com parte dela.

"Desenvolvemos um trabalho de orientação às mulheres, através de reuniões semanais".

Que conteúdo é, então, trabalhado pelo assistente social? A resposta a esta questão, reforça as considerações feitas anteriormente sobre o que o profissional pensa sobre o cliente, a instituição e sobre o Serviço Social.

Detectamos uma ênfase no estudo das características individuais e, principalmente, de ordem psicológica, para que o profissional elabore sua opinião sobre o cliente e seu problema.

"O estudo-diagnóstico abrange informações obtidas em entrevistas sucessivas, em que o assistente social estimu

la o cliente para participar ativamen
te no estudo. Estas informações refere
m-se a fatores situacionais (condiç
ões de trabalho, renda, educação, rel
acionamento familiar), e fatores inte
rnos, relacionados à personalidade
do cliente, como características agress
sivas, do ego e do superego, maturidad
e, etc".

O assistente social, ao buscar as informações com o cliente, está sempre tentando detectar em que o clien
te está falhando, e o que o impede de encaixar-se no que é considerado normal.

"Faço entrevistas com os clientes que estão apresentando problemas: os que faltam, os que não cumprem suas obrigaç
ões. Procuro fazê-lo ver que devem proceder corretamente para permanecer na instituição".

"Fazemos reuniões para avaliar o trabal
ho, nas quais são colocados os problem
as do cliente em relação ao programa".

A ação dos assistentes sociais, em relação aos problemas e falhas detectados nos clientes, vai desde a reflexão conjunta, para fazê-lo entender em que estão err
rados, até a persuasão, ou a um controle rígido.

"Eu reflito com o cliente, a cada momento

to, o que ele diz sobre ele, como se sente, como ele vê as coisas. Ele vai ficar consciente, sabendo porque está na instituição".

"Nós levamos o homem a questionar seus problemas, mas as decisões sobre o que fazer são dele".

"Conversamos com a cliente, informando que ia perder o direito ao programa, e xageramos um pouco. Aí ela ficou com receio e concordou em colaborar".

"Exigimos que o cliente vá conversar co conosco".

"Passamos a exigir que a documentação fi casse conosco. Foi o único meio que encontramos para forçá-los a ter a do cumentação".

Nestes últimos exemplos, o profissional acha natural e viável a utilização dos mecanismos persuasivos e controladores. Isto é contrário até mesmo aos princípios e valores veiculados pelo Serviço Social tradicional. Mostra, de certa forma, uma preocupação maior com os programas e diretrizes institucionais, que devem ser cumpridos, do que com os próprios clientes.

Ações como essas, são sempre apropriadas pela instituição, servindo ao controle da clientela, favorecendo a reprodução das relações de dominação. E como vi

mos, dificilmente o profissional percebe isto, o que não ocorre neste caso:

"Tentamos outras formas de lidar com as pessoas de lidar com essas regras. Mas no fim, elas acabam tendo que ser cumpridas, ainda que, em alguns momentos, se possa fugir delas".

Geralmente, entretanto, o profissional não se dá conta que, apesar de se dizer comprometido com a clientela, seu comprometimento real é com a instituição e com todo o sistema que ela representa.

"Como o projeto se propõe a atuar com pessoas que trabalham, se elas se desempregam, não podem ser mantidas no projeto. Não podemos manter quem não quer trabalhar".

"Eu me preocupo porque os clientes às vezes acobertam as faltas, uns dos outros. Não posso deixar que isso aconteça".

Detectamos também, uma tendência que se faz presente em alguns profissionais, ao se referirem a aspectos metodológicos. O profissional levanta questões sobre o instrumental técnico que utiliza, mas considerando-o isoladamente, sem relacioná-lo ao objetivo que ele deveria cumprir. No questionamento dos assistentes sociais sobre

seus instrumentos de ação ele parece considerá-los como fins em si mesmos e não como meios através dos quais, os objetivos serão atingidos. Assim é que, não encontramos profissionais questionando seus objetivos específicos de ação, discutindo sua validade, sua oportunidade, mas sim, discutindo ou criticando a utilização de um determinado instrumento, ou considerando a sua má utilização, sem se referir aos objetivos da ação.

"Os assistentes sociais questionaram a intervenção em grupos eventuais. Outros querem se deter no estudo da documentação, que está sendo mal utilizada. Há um grupo que quer discutir a intervenção individualizada. Outro, questiona a aplicação de ajuda supletiva".

"Eles nem sabiam fazer uma entrevista ou mesmo uma reunião. Não sabiam o que era importante numa entrevista".

Também relacionada à utilização do instrumental técnico é a preocupação com a habilidade do profissional:

"O problema da habilidade é muito importante em Serviço Social porque o conhecimento, os profissionais adquirem, mas a prática de cada um é de acordo com a habilidade".

Esta preocupação é vista com certa precaução atualmente, por refletir um posicionamento profissional em que o Serviço Social é considerado como uma arte, o que e quivaleria a tornar a profissão dependente da personalidade de quem a pratica⁸.

A ausência de questionamento sobre os objetivos da prática, parece confirmar-se, se analisarmos os planos e programas de trabalho no que eles propõem em termos dos objetivos para a ação. Estes não são discutidos, e quando o são, não se vê ações no sentido de reelaborá-los, o que nos sugere que são aceitos. Esta conclusão é ratificada, pela prática que o assistente social desenvolve. Alguns dos objetivos encontrados nos planos, são apresentados a seguir. Sua apresentação, aliada à ausência de críticas dos profissionais aos mesmos é a nosso ver, um elemento crucial para que acreditemos que os profissionais, na verdade, ainda estão trabalhando dentro de uma concepção tradicional de Serviço Social.

"Contribuir para eliminar ou reduzir as disfunções e fortalecer o funcionamento dos papéis sociais".

"Identificar e prevenir desequilíbrios potenciais do cliente".

"Avaliar os fatores sociais que debilitam ou ameaçam o desempenho do papel de pessoa, tendo em vista a compreensão da individualidade".

"Estudar as condições psicossociais do cliente e formular parecer a respeito de suas condições de integração à instituição".

"O projeto se pretende indutor do desenvolvimento econômico e social da comunidade, através da organização e partícipação da comunidade, tendo em vista a estratégia de atendimento das necessidades básicas das populações pobres".

4.2 - DE PRÁXIS, OU NO SEU CAMINHO

Seu desespero vinha de que não sabia se quer por onde e pelo que começar. Sô sabia que já começara uma coisa nova e nunca mais poderia voltar à sua dimen são antiga. E sabia também que devia começar modestamente, para não se desen corajar.

Clarice Lispector

4.2.1 - O Reconhecimento da Perspectiva Teórica que Orien ta a Prática

O que nos fez distinguir alguns profissio
nais, dentre os entrevistados, e situá-los numa perspecti
va de Serviço Social como práxis?

Situar o Serviço Social como práxis, é consi
derá-lo como uma atividade teórica, de consciência, que
se objetiva materialmente, orientando-se para a transforma
ção do homem como ser social, para a mudança das relações
sociais. Não se pode prescindir, ao se falar de práxis, do
elemento teórico, que permite a compreensão da realidade,
e dentro do qual se produzem as finalidades que dirigem
a ação. Mas tambtêm não se poder prescindir da objetiva

ção, da concretização da atividade da consciência, da prática.

Segundo VÁSQUEZ, "a teoria em si não transforma o mundo... assim como, não há práxis como atividade puramente material, isto é, sem a produção de finalidades e conhecimentos que caracterizam a atividade teórica"^{21:205}.

Em suas representações sobre o Serviço Social e sobre sua prática, alguns assistentes sociais, apresentaram alguns elementos que nos fizeram envolvê-los na perspectiva de Serviço Social como práxis.

Primeiramente, parecem compreender a realidade social, as relações entre os homens, como resultantes de um processo contínuo de conflito entre interesses divergentes, preconizados pelos grupos distintos que compõem a sociedade. A origem dos interesses divergentes se situa nas condições materiais, determinantes da posição dos homens no processo de produção e reprodução das relações sociais, que permitem o desenvolvimento do sistema capitalista. Esta forma de compreender a realidade, através das contradições que a concretizam, de seu movimento, faz com que os profissionais se proponham a contribuir para a mudança das relações de dominação e para a construção de novas relações sociais.

Basendo-nos ainda em suas representações, podemos dizer que eles não se detêm na compreensão da realidade e na delimitação de um projeto da ação mas que, também e, principalmente, procuram viabilizá-lo, concretizand

do-o em suas práticas.

Estes profissionais apresentam-se como tendo feito uma opção ideológica, em que se colocam ao lado de sua "clientela", apoiando-a em suas tentativas de mudança das relações de poder em que vivem imersas. Vêm procurando utilizar-se de conhecimentos teóricos que lhes permitam aprofundar a compreensão da realidade em suas determinações econômicas, políticas e ideológicas, assim como vêm tentando encontrar estratégias de ação que viabilizem seu projeto profissional. Esta tentativa vem se concretizando no exercício diário da profissão, sofrendo as influências das condições objetivas que o determinam.

No discurso destes profissionais, encontramos uma coerência interna, entre os elementos que o compõem. Essa coerência, entretanto, não se limita ao nível da concepção de sociedade, de instituição, do Serviço Social, mas se estende à prática, quando o profissional se mostra atento aos possíveis desvios que podem ocorrer.

Percebemos, entretanto que, em alguns momentos o profissional não consegue elaborar uma análise profunda, que lhe permita apreender o concreto, limitando-se a expressá-lo, em suas contradições. Ou seja, ele percebe a realidade de suas determinações, mas não se mostra em condições de avançar na explicação do que vê, através do uso de categorias explicativas elaboradas. Isto decorre, segundo nos parece, da necessidade de aprofundar o seu conhecimento teórico, o que também lhe permitiria avançar em

VI?

sua prática.

4.2.2 - Pressupostos que Fundamentam a Ação

- Concepção de Sociedade

Os profissionais deste grupo expressam, em seu discurso, que a sociedade está permeada de contradições geradas pelo conflito de interesses entre os grupos que a constituem.

"Não se pode esquecer que estamos dentro de uma sociedade capitalista e que isto tem implicações sociais".

"Fui descobrindo como se processam as relações de dominação que uns querem estabelecer sobre outros".

"Tudo hoje em dia gira em torno da acumulação do lucro, há toda uma estratégia muito bem montada para isso".

Esta sociedade, tal como é percebida pelos profissionais, é criticada por seu caráter de exploração dos homens, de desigualdade, de dominação.

Apesar disso, ela não é considerada como uma

estrutura impenetrável e absolutamente dominante. É vista através das contradições que a permeiam, o que dá margem ao profissional de agir contrariamente à direção que lhe é proposta pelos grupos dominantes, apoiando as camadas populares, dominadas pelo poder econômico.

Dissemos que os assistentes sociais percebem as relações de dominação, os interesses diferentes, as contradições, as determinações econômicas, ou seja, que eles percebem o mecanismo de produção e reprodução das relações sociais. Isto não significa, entretanto, que eles compreendam realmente este mecanismo, em todas as suas implicações. Alguns elementos parecem indicar que esta compreensão nem sempre existe ou está se estruturando. Parece-nos que o profissional, a partir de um certo momento é influenciado por diversos fatores, faz uma opção, a nível ideológico, por uma proposta de Serviço Social em que se considera fundamental assumir um compromisso com as classes populares, visando a mudança nas relações sociais que as mantêm. Entretanto, a opção ideológica, para converter-se em ação profissional, deve articular-se com conhecimentos teóricos que permitam ao profissional não apenas constatar os mecanismos de poder e dominação, mas também compreendê-los, para que possa desenvolver uma ação sistemática e coerente em relação a eles.

A insuficiência do conhecimento teórico, impedindo ou dificultando a compreensão da realidade e a consequente ação profissional, se faz sentir claramente neste

exemplo:

(situações superadas pelo estudo)

"Eu escutava as pessoas falarem e tinha uma idéia sobre as relações de produção, mais-valia, etc. Meu trabalho se desenvolvia com um grupo de atividades produtivas. A partir de um certo momento, não conseguia ir adiante com o grupo, nas discussões sobre salário mínimo, custos, etc.

Comecei então a estudar e procurei pessoas que me ajudaram a compreender o significado do trabalho com um grupo deste tipo. Aí então a questão de mais-valia e outras mais, passaram a fazer sentido para mim. Eu estava começando a ver realmente o que era o grupo.

Até então eu não tinha descoberto, estava trabalhando sem conhecer, sem saber. Mas outra coisa é você conhecer realmente, você ter condições de analisar o que está fazendo".

- Visão de Instituição

Todos os profissionais vêm a instituição não apenas como um instrumento voltado à manutenção da ordem social, mas também como uma organização que presta serviços aos quais a população tem direito. Ou seja, a instituição é encarada como um espaço onde se confrontam os interesses das diferentes classes sociais existentes. Dessa

forma vêm suas falhas, impecilhos, as dificuldades para a ação profissional, mas ^{vão além da discussão} vêm também quais são seus espaços de ação.

"O assistente social trabalha ligado a uma instituição, colocando em prática uma política social, algum programa ou projeto, que você tem que executar. Ele deve questionar estas políticas, estes programas e ver o que é possível realmente fazer para a população, através deles".

"A instituição cerceia o profissional, mas não impede totalmente, (o tempo todo) o profissional de agir. É preciso reconhecer e aproveitar as oportunidades de ação. O Serviço Social, então, por lidar diretamente com a população é de certa forma, privilegiado por poder ter este contato e usá-lo".

"Não se pode dizer que uma instituição, mesmo que não seja estatal, dá toda a abertura à ação profissional. Toda instituição tem uma linha de trabalho, e quem não a segue sofre pressões institucionais. Mas se você tem um projeto profissional, deve aplicá-lo na condução de sua prática, seja onde você estiver".

"Eu tinha muito medo da instituição. O controle da instituição, na minha cabeça, era muito maior. Mas fui compreendendo

do que ela se dobra muito mais a uma boa argumentação do que a uma forma de conciliar normas. Foi uma descoberta, entender que a instituição tem normas que podem ser modificadas".

"Toda instituição, pública ou privada, tem mecanismos que a favorecem e que podem prejudicar a "sua clientela", convertendo-se em entraves à ação. Mas não se pode desistir de agir por causa disso, mesmo porque elas se sustentam com o dinheiro do próprio povo".

Encontramos assim, neste grupo de profissionais, uma forma de encarar a instituição, distinta da verificada com o grupo anterior. Todos esses profissionais acreditam na possibilidade de se trabalhar nas instituições, defendendo a "clientela" em seus direitos e interesses. Não têm, entretanto, uma visão utópica e idealista, mas consideram que é preciso reconhecer as oportunidades existentes na instituição, para que o assistente social possa agir coerentemente com seu projeto profissional. Este reconhecimento se torna possível na medida em que domina o conhecimento dos mecanismos institucionais, em que ele amplia e aprofunda o que sabe sobre a instituição e contribui para que a "clientela" se aproprie desse conhecimento.

- Concepção de Homem/Cliente do Serviço Social

Ao falar sobre seu cliente, o assistente social dificilmente se refere à classe dominada. Geralmente expressa que trabalha com as camadas populares, que vivem em situação de pobreza e carência.

"conceito de
marginalidade"

"Trabalho com as camadas populares, com as populações pobres, moradoras em áreas urbanas, periféricas, invadidas".

"As pessoas com quem trabalho são pobres, e desconhecem os mecanismos da produção, não têm sequer acesso às informações essenciais, nem a bens e serviços".

O fato dele perceber sua "clientela" predominantemente desta forma, provavelmente decorre de sua difficuldade em utilizar o conceito de classe dominada. Isto poderia interferir nos rumos de sua ação, conferindo-lhe um caráter assistencial e paternalista, se sua compreensão da pobreza, da miséria em que vive sua clientela, passase pela análise particularista, individualizante, que busca apenas no indivíduo, as causas da problemática que ele vivencia. Entretanto, no caso destes assistentes sociais, sua compreensão parece passar pela análise das relações de poder que se estabelecem entre os homens, no âmbito das relações sociais de produção.

"O povo está ficando cada dia mais pobre. Está havendo uma crescente pauperização. Vemos as contradições se acirrarem cada vez mais".

Um dos profissionais entrevistados, ao contrário dos demais, trabalha com os próprios funcionários da organização onde atua. Não são pessoas pobres, nem carentes, mas pessoas com emprego, salário diferenciado e que se envolvem em problemas que não incluem a sobrevivência material. Estes problemas - endividamento, alcoolismo, etc. - são encarados pelo assistente, não como resultante de fatores individuais e de ordem psicológica apenas, mas em sua relação com as condições objetivas, da própria sociedade.

4.2.3 - Concepção de Serviço Social

No decorrer do seu discurso, e através de sua prática, podemos perceber que estes profissionais têm uma concepção de Serviço Social a guiá-los, assim como tentam estabelecer formas de ação para atingir seus objetivos.

Algumas vezes, em seu discurso sobre a profissão, ele não explicita sua concepção de Serviço Social, mas esta se mostra à medida em que ele situa sua prática.

"Procuro sempre estar a favor do cliente, encontrando formas para ajudá-lo a utilizar melhor as poucas chances de liberdade de ação que ele pode ter".

De modo geral, o Serviço Social é encarado dentro da idéia de processo:

"É algo que está se formando e se refomando. Está em ebulição".

E os profissionais procuram expressar como esse processo repercute neles:

"Por muito tempo, eu achava que não fazia o Serviço Social em que eu acreditava, pois me detinha apenas na prestação de serviços, encaminhamentos, etc. Até que, a partir de uma reflexão sobre esta prática, percebi que minha apatia diante de tudo era uma concordância, um omitir diante do que acontecia. Atualmente encaro o Serviço Social como uma prática social voltada para uma mudança da condição de vida das pessoas, para uma transformação do tipo de relações sociais, de vida".

"Ao longo de minha vida profissional, diferentes concepções de Serviço Social se fizeram presentes em momentos distintos. Primeiramente, seguindo minha formação acadêmica, identificava o Serviço Social como assistência, sim

plesmente, até mesmo num sentido paternalista. Num segundo momento, iniciando um trabalho em áreas urbanas pobres, realizei uma ação paternalista, ainda que de cunho diferente do anterior. Nesta, não me limitava a um trabalho individualizado, mas me detinha em organizar a comunidade para solicitar serviços que atendessem suas necessidades ou para realizar atividades que seriam de obrigação do Estado, através de mutirão. Este trabalho se realizava sob a ótica da inserção da população no desenvolvimento. Hoje, percebo o Serviço Social com uma perspectiva política, como toda ação social que envolve relações de poder. O Serviço Social foi criado para reforçar os mecanismos de poder do Estado e do capital, mas pode romper com este "pacto" e ajudar as camadas populares na apropriação desse poder".

Este profissional faz questão de acrescentar:

"Meu projeto profissional desenvolveu-se seguindo minha opção de vida".

Pelo que vimos, as colocações dos assistentes sociais apontam para uma concepção de Serviço Social voltada a contribuir nas lutas e movimentos de sua "cliente" apoiando-a e fortalecendo-a. Nesse sentido, parece-nos ainda que a conscientização, tal como é colocada pe

los profissionais, não é o elemento que vai anteceder e possibilitar a ação, mas sim é um processo que vai ocorrendo à medida em que a ação se desenvolve.

Um dos profissionais deste grupo, verbalizou sua dificuldade em caracterizar o Serviço Social, no que ele se distingue de outras profissões.

"Eu não vejo no Serviço Social nada específico dele. Não vejo uma teoria do Serviço Social, uma metodologia do Serviço Social".

Entendemos que esta dificuldade reside na impossibilidade de distinguir a prática profissional de uma ação política-ideológica. É certo que o Serviço Social se apoia em teorizações derivadas das Ciências Sociais - Sociologia, Antropologia, Psicologia, etc. Estas ciências propiciam conhecimentos necessários para a compreensão da realidade e sua transformação. Assim é que, o instrumental metodológico que o Serviço Social utiliza não é de seu uso exclusivo. Entretanto, a fundamentação teórico-epistemológica, e a metodologia científica, devem ser apropriadas pelo Serviço Social, para que, através delas, realize os objetivos que lhes são próprios.

Ao afirmar a ausência de especificidade no Serviço Social, o profissional mostra que ainda não está conseguindo articular os elementos político-ideológicos à produção de conhecimentos científicos que levariam à con

seção dos objetivos profissionais, permitindo também, o avanço da profissão. [Não identificar algo de próprio e exclusivo do Serviço Social, é o mesmo que negá-lo, como profissão.]

4.2.4 - Objetivos

participação

A nível geral, no discurso dos assistentes sociais, percebemos que estes situam a profissão inserida no projeto de transformação social, de mudança das relações sociais. Ou como diz um deles:

"Eu vejo como um dos objetivos principais ajudar na criação, na ampliação das condições para apropriação de poder pelas camadas populares".

Os profissionais não se referiram explicitamente aos seus objetivos específicos, porém podemos dizer, pelos depoimentos que nos deram, que atuam, nas instituições (ou através delas), para fazer com que os "clientes" se apropriem dos serviços prestados, para favorecer a utilização dos serviços institucionais pelos seus usuários. Isto decorre do posicionamento que os profissionais assumiram em relação à "clientela", de participarem e contribuir em suas lutas diárias e reivindicações. Para realizar

seu intento, usam de todos os meios possíveis - desde a informação exata e segura levada ao cliente, até a mudança das normas institucionais. Neste sentido, seu trabalho não exclui os objetivos institucionais, mas não se restringe a eles, ultrapassando-os.

"Eu, como assistente social, sou um profissional que devo prestar um serviço não à instituição, mas à população através da instituição".

Isto significa que o profissional não fica impassível diante das normas e exigências institucionais, mas que considera que estas podem e devem ser alteradas, se isto significa um melhor atendimento ao "cliente".

É claro que isto não é conseguido sempre, e com facilidade, mas se o profissional souber aproveitar as oportunidades que surgirem, pode conseguir alguns avanços.

"Sempre tentando defender e ampliar os direitos do cliente na instituição, o Serviço Social conseguiu o apoio de uma das chefias, com o que se promoveu uma grande mudança nas regras / normas institucionais. O Serviço Social levou à chefia as reivindicações, interesses e necessidades da "clientela", e muitas foram incorporadas à nova regulamentação".

4.2.5 - Procedimento Metodológico

A atuação destes assistentes sociais é marcada por um elemento que se impõe: o seu comprometimento com a "clientela". Ele parece estar presente em todos os momentos, sobrepujando a força da instituição, o descrédito de outros técnicos e as dificuldades para fazê-lo realizar-se.

Quanto o profissional diz:

"Eu não vim ser assistente social da empresa para a empresa mas, para os programas da população",

ele não apenas está dizendo algo em que acredita, como também se dispõe a identificar formas de ação que permitam concretizar seu compromisso.

"Os técnicos nem sempre percebem que podem modificar sua realidade, não percebem que podem dar outro impulso ao seu trabalho, que podem alterar suas normas de trabalho. E alguns têm medo disso".

Esse compromisso, caso não seja realmente assumido e concretizado, resulta na ambigüidade do técnico em situar-se entre a instituição e a "clientela". Implica no profissional utilizar o seu saber a favor da institui

ção e não do "cliente". O saber do assistente social, de corrente das informações que ele obtém do "cliente" e sobre ele, converte-se num poder que o profissional usa, de acordo com suas convicções ideológicas.

"As decisões em relação ao "cliente", baseiam-se nas informações e no parecer do assistente social. Esse meu saber sobre ele, me dá o poder de interferir indiretamente na sua vida. Eu uso este poder para colaborar o mais possível com a pessoa. Nem todos os outros profissionais agem assim, pois se sentem muito mais comprometidos com a instituição do que com a clientela".

Os assistentes sociais deste grupo, mantêm um relacionamento profissional com a clientela, que se caracteriza por uma certa continuidade no trabalho. Isto significa que eles, raramente executam ações que se detêm apenas no atendimento de necessidades imediatas, através de contatos rápidos e episódicos. Geralmente desenvolvem um trabalho continuado, através de abordagem individual e/ou grupal, que não se esgota numa prestação de serviços ou num encaminhamento.

O trabalho individualizado, geralmente ocorre quando o "cliente" está com problemas pessoais, e por isso procura o Serviço Social ou é a ele encaminhado. Quando isto ocorre, o profissional dirige o foco da intervenção para compreender e agir sobre os condicionamentos da

problemática, não se limitando a procurá-los nas relações do indivíduo com o meio (interindividuais), mas principalmente em termos das relações de poder que determinam ou influem na sua problemática.

"Faço acompanhamento individual, mas ao atender o "caso", tem a questão da minha perspectiva, do meu objetivo. É o "cliente" vê que seu problema não é só seu, e que a instituição tem normas que podem ser mudadas".

O profissional não se preocupa mais em identificar as culpas e falhas do "cliente", em sua "dificuldade" de adaptar-se à sociedade:

"Não trabalho mais querendo ajustar o cliente à instituição, persuadindo - o, influenciando a pensar que deve acomodar-se a ela".

A ação desenvolvida através de trabalho grupal envolve, fundamentalmente, a discussão e reflexão sobre a situação de vida da população, as causas e condicionamentos da pobreza em que ela vive, e a busca de soluções, ainda que parciais, em conjunto com a população.

"Quando falamos de saúde, o grupo não se limita a esse tema, vai procurando todas as conexões, até chegar à instân

cia determinante. Todo esse trabalho é feito através do conhecimento deles, em cima de sua própria vida".

Não sentimos, entre estes profissionais, a preocupação em delimitar os momentos de conhecimento e ação, em sua intervenção, principalmente naqueles que de desenvolvem um trabalho grupal.

As discussões dos grupos sobre os problemas que os afetam, crescem e se ampliam a partir das ações que desenvolvem em relação a estes. E durante todo o traba lho, o profissional e o grupo conhecem e agem. Nem se esgota o tempo do conhecimento, nem o tempo da ação.

Identificamos, nestes profissionais que a preocupação com a forma, presente no Serviço Social de o rientação funcionalista, cede lugar à ênfase ao conteúdo da ação, aos objetivos pretendidos.

"Você tem feito reuniões, relatórios, e daí? Para onde você vai? O importan te é saber para onde orientar a sua prática".

"A primeira "regra" que procuro seguir, é não ir com idéias estruturadas, so bre como devo agir antes mesmo de es tar com a população".

A idéia de que a metodologia da ação deve ir se estruturando à medida em que o profissional e a "clien

tela" vão se aproximando, vai tomando corpo e se fortalecendo.

"Quando entendo claramente os objetivos, meus e da "clientela", e me vejo diante da situação específica, a própria explicação que eu dou à situação, faz com que eu construa uma maneira de agir".

"Eu vinha trabalhando com o grupo, mas estava difícil levar adiante as discussões. Então, um dia, quando eu me sentia mais situada em relação ao trabalho comecei a pensar em como poderia desenvolver o processo de discussões, através das reuniões. Montei então uma metodologia, que já foi reformulada várias vezes, e vem facilitando que a discussão se processe".

"Você descobre o fio que deve seguir e, se estiver errado, pode mudar. Mas se não tiver aquilo, não consegue avaliar, porque está num caos de atividade, sem saber para que".

Em relação à questão de técnicas que facilitam o trabalho, os profissionais se mostram interessados em utilizar elementos que viabilizem a maior participação das pessoas na ação. Um deles inclusive, vem utilizando slides sobre as atividades dos grupos e vem preparando um folheto explicativo sobre a origem do projeto e sua atualidade.

dade, não só para motivar novos participantes, mas para recuperar a memória do grupo.

Há uma unanimidade, entre os profissionais, em considerar que o ponto de partida para as discussões e para a ação, se situa no cotidiano, nos pequenos problemas do dia-a-dia, deixando que as pessoas se expressem, tentando mostrar suas explicações para a realidade. O saber do cliente, da população, é valorizado e tão considerado quanto o saber do técnico.

Há uma preocupação do assistente social, em usar o que sabe, as informações de que dispõe, no interesse da "clientela". Assim é que acredita ser necessário mantê-la informada sobre tudo o que se relaciona com sua vida, não esconder dela informações que podem ajudá-la a se aperceber dos mecanismos usados pelos grupos dominantes. Este trabalho "informativo" não é visto como um fim nele mesmo, mas como um meio, através do qual, o profissional contribui para as ações da "clientela", na defesa de seus interesses.

"Eu digo ao grupo: "tenho novidades, algumas informações novas". E em cima disso, vamos analisar o que deve ser feito".

A partir do momento em que os assistentes sociais passam a considerar, efetivamente, que o seu trabalho deve ter como centro de referência a "clientela", a po

pulação, em seus interesses e necessidades, e que o conteúdo de sua reflexão com estas pessoas deve focar as relações de poder que marcam nossa sociedade, sua ação se desenvolve no âmbito destas relações de poder.

À medida em que o profissional passa a pensar desta forma, sua ação não vai apenas voltar-se à clientela, mas deve dirigir-se também aos demais elementos que produzem e reproduzem as relações de poder que são detectadas. Assim é que, o profissional orienta seu trabalho para que ele e o "cliente" tenham maior participação nas decisões, a nível da própria instituição.

"Eu passei a entender que a organização tem normas que podem ser modificadas. E eu já consegui que isto ocorresse, argumentando a favor da mudança, mostrando aos dirigentes que isto era necessário".

Às vezes, é preciso que se façam alianças com outros profissionais ou chefias, que tenham concepções semelhantes sobre a realidade, para que as mudanças ocorram.

"Com o apoio da chefia, levamos até os órgãos deliberativos as reivindicações da clientela. Muitas delas foram incorporadas à nova regulamentação, alterando a anterior".

Os profissionais estão se dando conta que é importante e necessário não só trabalhar em conjunto, aliando-se a outros assistentes sociais, como também aos demais técnicos com os quais trabalham. Isso ocorre, inclusive, porque percebem que estes técnicos dispõem de conhecimentos que se complementam e que permitem que o profissional amplie sua percepção de realidade.

Nem sempre, entretanto, os profissionais conseguem realizar o que pretendem, e mostram-se cientes de que ocorrem impedimentos que interferem na ação. Isto, entretanto, não parece fazê-los desistir de levar adiante o compromisso assumido com a "clientela".

Mostram-se também conscientes de que a transformação da sociedade não será decorrente de sua ação, mas que, a seu nível, podem ser desenvolvidas ações que, contribuam para esta transformação.

"Existe uma coerência entre o que penso e faço. Mas nem sempre o resultado obtido é aquele que eu desejava".

"Quando o grupo começa a exigir o que é de seu direito, isso já lhes dá um certo poder. Não poder de transformação, mas um poder sobre aquela situação específica, que vai facilitar certas mudanças".

A compreensão, por parte dos assistentes sociais, deste ponto - que ele não pode se colocar como agen

transformação

te de transformação, mostra que ele superou a fase inicial da reconceituação, estando em condições de desenvolver um trabalho orientado para a transformação, mas dentro do âmbito de sua profissão. Assim é que, ele não deixa de desenvolver atividades que realmente respondam a interesses e necessidades imediatas da "clientela". Ele trabalha para que os serviços que a instituição oferece quando é esse o caso, sejam apropriados, da melhor forma possível, pelos que precisam deles. Tudo é feito seguindo a sua perspectiva.

"Eu não deixei de fazer as visitas domiciliares, mas a maneira como eu dialogo com o "cliente" e o conteúdo que é trabalhado, são outros".

Na verdade, procura trabalhar não só a nível da instituição, mas também mantendo-se em contato com órgãos e agentes planejadores, que projetam as políticas sociais que pretendem atender às necessidades da população. Este trabalho se mostra como essencial, para que se possam alterar as relações de poder entre "cliente" e instituições.

Os profissionais assim, tomando conhecimento de projetos e programas governamentais que podem ser apropriados pela população, não se negam a trabalhar dentro deles. Só que este trabalho se faz através do questionamento do próprio programa, e não de sua aceitação imediata e

acrítica. Os mecanismos institucionais são analisados pelo assistente social e "clientela", são avaliados em suas limitações, mas também vistos em seus aspectos positivos.

De modo geral, pela possibilidade de estar em contato direto com as classes populares, o assistente social é considerado como um dos profissionais que mais podem contribuir à mudança social, desde que esteja comprometido ideologicamente com ela. Alguns fatores são colocados pelos profissionais, como favorecendo ou possibilitando a opção do assistente social pelas propostas reconceituadas:

- a continuidade dos estudos, após a graduação, permitindo que o profissional amplie e aprofunde o marco referencial teórico que lhe permite compreender a realidade;
- o comprometimento com a categoria profissional, através da participação em seus órgãos representativos, e de uma ação que vise a sua organização.
- o engajamento em trabalhos com as classes populares, em movimentos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela análise desenvolvida neste trabalho, identificamos dois grupos de assistentes sociais, que apresentam características distintas.

O primeiro deles, que decidimos tratar sob a perspectiva da tradição, envolve profissionais que atuam em organizações, realizando os objetivos destas, e procurando fazê-lo eficientemente. De modo geral, aceitam as diretrizes institucionais, ou mesmo, não as questionam em suas finalidades de promover o bem-estar social. Estes profissionais, em alguns momentos fazem críticas à ordem institucional, mas prendem-se, mesmo assim, às formas de ação propostas institucionalmente mais que ao conteúdo e finalidades de sua profissão. Também fazem críticas ao Serviço Social, em sua perspectiva tradicional, por suas características ajustadoras, de adequação do homem à sociedade. Mas, assim como criticam este Serviço Social, criticam a reconceituação, pois a vêem apenas em suas formula

- profissional que não assume novas posturas e tem dificuldade de reconhecer sua prática apartada da prática tradicional - interferência na construção do projeto → as ações são as de instituições
- discurso inerente = em relação a quê ou entre o quê
- práticas não se mostram inerentes
- esta situação permanecerá até que ele internalize os conhecimentos do novo modo de reconhecer
- aprofundar o conhec. técnico
- maior compreensão da realidade / romper com formação anterior e assumir nova postura

ções iniciais, quando esta pretendia que o assistente social se colocasse como a agente propulsor da transformação social.

Ao criticar o Serviço Social tradicional e o Serviço Social reconceituado e, em ambos os casos fazendo a crítica sem se basear nos elementos teóricos suficientes para que esta tarefa se revista de legitimidade, o assistente social se vê em dificuldades para delimitar o seu projeto profissional.

O que vemos então? Um profissional que, não assumindo as novas propostas de Serviço Social, continua realizando um Serviço Social ajustador, que critica e que, assim, tem dificuldades em reconhecer que sua prática está apoiada no referencial tradicional.

O não reconhecimento de perspectiva teórica de Serviço Social que orienta sua prática, confunde o profissional, interferindo na construção de seu projeto de trabalho, desde que ele não aceita que tais conhecimentos o embasam, e não consegue transformá-los em objetivos de ação. Ocorre então, que ele acaba por assumir os objetivos institucionais, que muitas vezes critica, e os tenta concretizar, adequando-os aos princípios de profissão, ou nem mesmo se preocupando com isso.

Naturalmente, seu discurso sobre a profissão expressa as dificuldades que experimenta, apresentando-se incoerente, em alguns momentos. Sua prática, entretanto, tal como é representada pelos assistentes sociais, não se

mostra incoerente, com o discurso, inscrevendo-se no marco tradicional da profissão.

Esta situação vai permanecer, enquanto este assistente social, que parece concordar com as colocações surgidas na reconceitualização (mas não com todas) e que critica as posições tradicionais, não romper verdadeiramente, com esta perspectiva. É preciso, para isso, que ele amplie e aprofunde seu conhecimento das propostas reconceituadas e que caminhe no sentido de adquirir maior compreensão da sua realidade. *em he* *oper* *ideológica*

Para compreender a sua realidade, e a sua profissão dentro deste quadro, o profissional precisaria romper com toda uma formação anterior que o levava a compreender toda a situação de pobreza de sua clientela, como resultante de condições próprias da população pobre, condições intrínsecas aos indivíduos, que devem esforçar-se para superar seus impedimentos pessoais, à fim de integrar-se ao desenvolvimento nacional. Precisaria romper com um discurso "humanista" - que prega a igualdade entre os homens, o direito de todos serem livres, respeitados como pessoas, que afirma que os direitos de todos os homens são iguais. Romper com um discurso com fortes conotações ideológicas e pouca relação com a realidade vivenciada por toda a clientela.

Este rompimento não é fácil de ocorrer. Não é muito simples, o profissional negar toda a sua formação anterior, mudar sua maneira de ver o mundo, e assumir uma

nova postura diante da vida e da profissão.

"O indivíduo pode, sem dúvidas, ultrapassar o horizonte de sua classe e aceitar perspectivas que correspondam a interesses e valores de outra classe, se esta nova posição lhe permite compreender melhor os fatos... Na maioria das vezes, entretanto, o pensador aceita com toda a boa fé as categorias implícitas numa mentalidade que, de logo, lhe fecha a compreensão de uma parte importante do real; depois disso, sobre pontos essenciais, sua inteligência, sua penetração, sua boa fé intelectual, nada mais farão do que acentuar e tornar mais plausível e sedutora, uma visão deformada e ideológica dos fatos"^{3:32}.

Ou seja, "a opção ideológica pode ratificar a orientação da "filosofia de vida", mas também se opor a ela (pense-se no burguês que se decide por uma ideologia revolucionária); nesse caso, o conflito pode acarretar certas incoerências na ação, determinadas pela superposição ora de uma, ora de outra. Então se faz mais necessária ainda, a vigilância da reflexão"^{17:70}.

No caso dos profissionais que analisamos, estas incoerências se verificam muito mais a nível do discurso, da verbalização sobre a prática, enquanto esta se mantém atrelada aos velhos esquemas profissionais - muito pouco relacionada à teorização sobre os métodos de caso, grupo e comunidade e fortemente influenciada pelas exigências institucionais.

Acreditamos entretanto, que um grande passo

já foi dado, ao se admitir (ainda que sem muita convicção em alguns casos), a impossibilidade de ser neutro, e de se permanecer com as mesmas explicações anteriores sobre a realidade, querendo "prescrever uma solução para um problema que envolve conflitos de interesses inconciliáveis, a partir da hipótese de uma harmonia latente"^{20:17}.

Assim, quando dizemos que estes assistentes sociais apresentam uma unidade entre pensamento e ação, estando trabalhando para o ajustamento da "clientela" à ordem social, não queremos dizer que isto ocorre com a aceitação total do profissional, nem de maneira simplista. Seu pensamento está povoado de dúvidas e críticas quanto ao papel profissional que lhe foi ensinado, mas eles não se mostram suficientemente preparados para optar por uma outra concepção de Serviço Social, e defendê-la, levá-la avante em sua prática.

É preciso que eles se definam realmente, como pessoas e profissionais, por uma concepção de vida e que, em termos profissionais, determinem com quem é o seu comprometimento: com as classes dominadas, pobres, ou com a ordem social, com o Estado e seus representantes institucionais.

"A única possibilidade de coerência lógica e política, na unidade que constitui a ação e o pensamento, é de se definir, integralmente por uma única concepção epistemológica que implique uma única produção teórica, vinculada aos interesses de uma única classe social"¹⁶.

É preciso que os assistentes sociais desenvolvam, com o apoio do conhecimento teórico, uma crítica contínua e profunda de suas ações, e que se mostrem mais ousados em suas tentativas de romper com certas exigências que lhes são feitas na prática cotidiana.

Isto, é claro, não deve ser feito como ato isolado, mas dentro de uma organização da categoria profissional. É preciso que se considere ainda, que "a construção de um projeto de formação profissional deve superar o nível da mera ideologização da profissão, da denúncia das correntes tradicionais, para uma compreensão rigorosa do ponto de vista teórico, das correntes de pensamento vigentes na interpretação da profissão"⁴

O segundo grupo de profissionais, analisados sob a perspectiva de práxis, nos parece que fez a ruptura com a postura tradicional do Serviço Social, e assumiu novas posições. Isto não significa que eles conseguem realizar este Serviço Social reconceituado tal como vem sendo proposto teoricamente, mas sim que, eles vêm tentando isto, em sua prática institucional.

Guiando seu trabalho, está o compromisso de defender os interesses das camadas populares. E a ótica pela qual compreendem os interesses e necessidades destas pessoas, não destaca mais as relações interindividuais como responsáveis pelas suas condições de vida, mas enfocam as relações de poder que as determinam. Estes profissionais mostram-se conscientes que o trabalho institucional a

presente limites à ação profissional. Mas não os vê como definitivos, e propugna, como forma de escapar a eles, a conjugação de esforços com grupos interprofissionais.

Estes assistentes sociais assumiram, conscientemente, uma posição ideológica de compromisso com as classes dominadas, superando seu posicionamento ideológico anterior (nem sempre consciente) com as classes dominantes. Entretanto, vêm enfrentando dificuldades para não se encerrar nessa posição ideológica, e em elaborar os elementos teórico-metodológicos correspondentes a uma prática científica, a uma práxis "derivada e conseqüente com o vínculo explícito aos interesses das classes sociais trabalhadoras"^{6:21}

A reconceituação permitiu a descoberta do conteúdo ideológico do Serviço Social e despertou o interesse e a necessidade de uma maior compreensão da realidade. Entretanto, o Serviço Social não seguiu realmente o caminho de sistematização teórica de sua ação concreta, se detendo por muito tempo, na denúncia insistente da desigualdade, da exploração, da dominação e negando as condições concretas de sua prática em instituições.

Entretanto, se o Serviço Social se pretende legitimar como uma disciplina de intervenção na realidade social, não pode prescindir de elementos que o caracterizem como uma práxis científica. Esta, deve ser encarada "com o caráter de totalidade que tem: uma prática ideológica inseparável e guiada por uma prática científica sobre

as condições concretas da realidade"^{12:79}.

A ausência de sistematização teórica sobre a prática de Serviço Social,[?] e a realização de ações sem um embasamento teórico,[?] não conduzem a uma práxis, contendo-se nos limites de uma atividade humana.

O profissional de Serviço Social deve assim, considerar que somente a opção ideológica não é suficiente para que sua ação se caracterize como práxis. É preciso, a partir disso, que o assistente social considere as tarefas e possibilidades do Serviço Social, tal como este pode ser efetivado em sua realidade. E esta tarefa só pode ser realizada com o apoio do conhecimento teórico. É por isto que acreditamos que nossos profissionais, estão ainda no começo do caminho, no sentido de construir uma práxis, em seu trabalho como assistentes sociais.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - BORNHEIM, Gerd. Dialética, teoria e práxis. Porto Alegre, Globo, 1977.
- 2 - CARVALHO, Alba Maria Pinho de. A questão da transformação e o trabalho social. São Paulo, Cortez, 1983.
- 3 - GOLDMAN, Lucien. Ciências humanas e filosofia. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.
- 4 - IAMAMOTO, Marilda. Formação profissional do assistente social: Problematização e perspectivas. São Paulo, PUC, mimeog.
- 5 - IAMAMOTO, Marilda & CARVALHO, Raul. Relações Sociais e Serviço Social no Brasil. São Paulo, Cortez e Cezats, 1982.
- 6 - JAPIASSÚ, Hilton. Nascimento e morte das ciências humanas. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

- 7 - JUNQUEIRA, Helena Iracy. Quase duas décadas de reconceituação do Serviço Social: Uma abordagem crítica. Serviço Social e Sociedade, São Paulo, Cortez, 1(4):1-38, dez, 1980.
- 8 - KISNERMAN, Natálio. Introdução ao trabalho Social, São Paulo, Moraes, 1983.
- 9 - KRUSE, Herman. Nuevos enfoques y tendencias en latino america en relación a métodos, técnicas y otras formas de intervención del servicio social, Uruguai, 1976, Mimeo.
- 10 - LOPES, Josefa Batista. Objeto e especificidade do Serviço Social. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.
- 11 - MACRIDIS, Roy. Ideologias políticas contemporâneas. Brasília, UFBrasília, 1980.
- 12 - MARTINEZ, Juan Mojica. Processo histórico e Serviço Social na América Latina. In: Serviço Social e Intervenção na realidade. Petrópolis, Vozes, 1980.
- 13 - PALMA, Diego. La reconceptualizacion, una búsqueda en America Latina. Buenos Aires, ECRO, 1977.
- 14 - RELATÓRIO final da pesquisa: Análise da prática profissional nas instituições Campos de Estágio PUCSP, novembro de 1980, São Paulo, Cortez e EDUC, 1981. (Cadernos PUC, 10).
- 15 - RICOEUR, Paul. Interpretação e ideologias. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- 16 - SANTOS, Leila Lima e RODRIGUEZ, Roberto. Metodologias: Explosão de uma época. In: Serviço Social, intervenção na realidade. Petrópolis, Vozes, 1980.

- 17 - SAVIANI, Dermeval. Educação brasileira, estrutura e sistema. São Paulo, Edição Saraiva, 1978.
- 18 - SILVA, Maria de Guadalupe. Ideologias e Serviço Social, São Paulo, Cortez Editora, 1982.
- 19 - SOUZA, Maria Luiza de. Reflexões sobre o agir do assistente social. In: Serviço Social e Sociedade. São Paulo, Cortez, 3(8):85-98, março 1982.
- 20 - SWEEZY, Paul. Para uma crítica da economia política. São Paulo, Global Ed., 1979, 1ª ed. p.17.
- 21 - VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Filosofia da práxis. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARTLETT, Harriett. A base do Serviço Social. São Paulo, Pioneira, 1976.

BORNHEIM, Gerd. Dialética, teoria e prática. Porto Alegre, Globo, 1977.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. Ideologia do desenvolvimento, Brasil JK - JQ. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

_____. O mito do método. São Paulo, Mimeog.

CARVALHO, Alba Maria do Pinho de. A Questão da transformação e o trabalho social. São Paulo, Cortez, 1983.

CARVALHO, Raul de. Modernos agentes da justiça e da caridade: Notas sobre a origem do serviço social no Brasil. Serviço Social e Sociedade. São Paulo, Cortez, 1(2): 43-71, março 1980.

CASTRO, Cláudio de Moura. A prática da pesquisa. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1978.

- CHACUR, Alice. Construção do objeto no serviço social. São Paulo, Cortez, 1983.
- CORRIGAN, Peter & LEONARD, Paul. Prática do serviço social no capitalismo. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- FALEIROS, Vicente de Paula. Metodologia e ideologia do trabalho social. São Paulo, Cortez, 1981.
- FERREIRA, Rosa Maria Fischer. Meninos da rua. São Paulo, Comissão de Justiça e Paz, CEDEC, 1979.
- FREDERICO, Celso. A vanguarda operária. São Paulo, Edições Símbolo, 1979.
- GOLDMAN, Lucien. Ciências humanas e filosofia. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.
- GONÇALVES, Lúcia M. S. Rodrigues. Saúde mental e trabalho social. São Paulo, Cortez, 1983.
- GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
- HESSEN, Johannes. Teoria do conhecimento. Coimbra, A. Amado, 1973.
- HILL, Ricardo. Metodologia básica do serviço social. São Paulo, Moraes, 1980.
- IAMAMOTO, Marilda. A formação profissional do assistente social: Problematização e perspectivas. São Paulo, mimeog.
- IAMAMOTO, Marilda & CARVALHO, Raul. Relações sociais e serviço social no Brasil. São Paulo, Cortez e CELATS, 1983.

JAPIASSÔ, Hilton. Introdução ao pensamento epistemológico. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

_____. Nascimento e morte das ciências humanas. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

JUNQUEIRA, Helena Iracy. Quase duas décadas de reconceituação do serviço social: uma abordagem crítica. Serviço Social e Sociedade, São Paulo, Cortez, 2(4): 1-38,

KISNERMAN, Natálio. Introdução ao trabalho social. São Paulo, Moraes, 1983.

KOPNIN, Pável V. A dialética como lógica e teoria do conhecimento. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

KRUSE, Herman. Introduccion a la teoria cientifica del servicio social. Buenos Aires, ECRO, 1976.

_____. Nuevos enfoques e tendencias en latinoamerica en relación a métodos, técnicas y otras formas de intervencion del servicio social. Uruguai, 1976, mimeog.

LALANDE, André. Vocabulário técnico y crítico de la filosofía. Buenos Aires, Livraria El Ateneo, 1966.

LEFÈBVRE, Henri. Lógica formal e lógica dialética. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

LIMA, Arlete Alves. Serviço Social no Brasil: A ideologia de uma década. São Paulo, Cortez, 1982.

LIMA, Boris Alexis. Contribuição à metodologia do Serviço Social. Belo Horizonte, Interlivros, 1975.

LIMA, Maria Helena de Almeida. Serviço Social e sociedade brasileira. São Paulo, Cortez, 1982.

LOPES, Josefa Batista. Objeto e especificidades do Serviço Social. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.

MACEDO, Myrtes de Aguiar. Reconceituação do Serviço Social: Formulações diagnósticas. São Paulo, Cortez, 1981.

MACRIDIS, Roy. Ideologias políticas contemporâneas. Brasília, UFB, 1980.

MAGALHÃES, Leila Vello. Metodologia do Serviço Social na América Latina. São Paulo, Cortez, 1982.

MARTINEZ, Juan Mojica. Processo histórico e Serviço Social na América Latina. In: Serviço Social, intervenção na realidade. Petrópolis, Vozes, 1980, p.66-80.

PALMA, Diego. La reconceptualización, Una búsqueda en America Latina, Buenos Aires, ECRO, 1977.

RELATÓRIO final da pesquisa: Análise da Prática profissional nas instituições Campos de Estágio. São Paulo, Cortez e EDUC, 1981 (Cadernos PUC, 10).

RICOEUR, Paul, Interpretação e ideologias. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

SANTOS, Leila Lima & RODRIGUEZ, Roberto. Metodologismo, explosão de uma época: In: Serviço Social, intervenção na realidade. Petrópolis, Vozes, 1980, p.18-65.

_____. Textos de Serviço Social. São Paulo, Cortez, 1982.

SAVIANI, Dermeval. Educação brasileira. Estrutura e sistema. São Paulo, Edição Saraiva, 1978.

SERRA, Rose Mary Souza. A prática institucionalizada do Serviço Social: Determinações e possibilidades. São Paulo, Cortez, 1982.

SILVA, Maria de Guadalupe. Ideologias e Serviço Social. São Paulo, Cortez, 1982.

SOUZA, Maria Luiza de. Questões teórico-práticas do Serviço Social. O reconhecimento profissional, São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.

_____. Reflexões sobre o agir do assistente social. Serviço Social e Sociedade. São Paulo, Cortez, 3(8):85-98,

_____. Serviço social e instituição: A questão da participação. São Paulo, Cortez, 1982.

SWEEZY, Paul. Para uma crítica de economia política. São Paulo, Global, 1979.

THIOLLENT, Michel. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo, Polis, 1982.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. Filosofia da práxis. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Biblioteca do Programa de
Pós-Graduação em Serviço Social

13/08/2004

Registro: 04/04